



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-  
PMUS)  
Mestrado em Museologia e Patrimônio

A CIDADE PAULISTA DE ITU - PERSPECTIVAS RELACIONADAS  
À PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Emerson Ribeiro Castilho

Rio de Janeiro, fevereiro de 2012.



Emerson Ribeiro Castilho

A CIDADE PAULISTA DE ITU -  
PERSPECTIVAS RELACIONADAS  
À PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

UNIRIO/MAST – RJ, fevereiro de 2012.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

## A CIDADE PAULISTA DE ITU - PERSPECTIVAS RELACIONADAS À PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

por  
Emerson Ribeiro Castilho,  
Aluno do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio  
Linha 01- Museu Museologia

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
em Museologia e Patrimônio

Orientadora Professora Doutora  
Diana Farjalla Correia Lima

UNIRIO/MAST – RJ, fevereiro de 2012



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### A CIDADE PAULISTA DE ITU - PERSPECTIVAS RELACIONADAS À PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós – graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovado por

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

**Marília Xavier Cury.**

Universidade de São Paulo, USP

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

**Heloisa Helena Gonçalves da Costa.**

Universidade Federal da Bahia, UFBA (e PPG-PMUS – UNIRIO/MAST)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

**Diana Farjalla Correia Lima.**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO

(PPG-PMUS – UNIRIO/MAST – Orientadora)



C352 Castilho, Emerson Ribeiro.  
A Cidade Paulista de Itu – Perspectivas relacionadas à patrimonialização e Musealização / Emerson Ribeiro Castilho, 2012.  
129f. ; 30 cm

Orientador: Diana Farjalla Correia Lima.  
Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

1. Itu (SP). 2. Patrimônio Cultural - Proteção. 3. Cidades e vilas. 4. Museus. 5. Museologia. I. Lima, Diana Farjalla Correia. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado em Museologia e Patrimônio. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2012



Aos meus amados Pais - **TIÃO** e **VANJA**,  
de todo m(eu) coração e consciência, por me darem a  
dáviva da vida serem sempre meu sustento e alegria.

Com a memória de vocês em mente,  
cada dia em minha vida  
tem mais significado e me torno mais feliz  
ao poder viver meus sonhos e dividir  
a realização deles com vocês.



A querida amiga e eterna professora do coração,

**Diana Farjalla Correia Lima**

que esteve de mãos dadas ao meu lado em todos os instantes  
necessários e que generosamente me  
ensinou, encorajou e inspirou o tempo todo  
com pulso firme e um sorriso amigo  
nesta jornada de construção do conhecimento.

Ao querido amigo e eterno professor do coração

**Luiz Roberto de Francisco,**

com quem aprendi a me reconhecer como  
caipira e a amar nossa terra natal - Itu.



Agradeço aos Amigos queridos,  
minha família do coração, que estiveram sempre ao meu lado  
dando concretude e inspiração para a realização deste sonho

Ana,  
Cynthia (Pumi),  
Rodrigo e  
Rômulo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

museus são pontes, portas e Janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.

**Cora Coralina**



## RESUMO

CASTILHO, Emerson Ribeiro. A CIDADE PAULISTA DE ITU - PERSPECTIVAS RELACIONADAS À PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO.

Orientadora: Professora Doutora Diana Farjalla Correia Lima, UNIRIO/MAST. 2012.

A dissertação parte do conceito de Cidade, abordando suas origens históricas, para elaborar o conceito de Cidade-Museu, aplicando-o à cidade de Itu, localizada no estado de São Paulo, no Brasil. Para tanto, analisa o surgimento das ideias de Museu e de Patrimônio, e concentra-se sobre os processos de patrimonialização e musealização como instrumentos de preservação da memória e das referências culturais inerentes ao espaço ocupado pela cidade – em nosso caso, destacando o papel da herança cultural como forma identitária. Utilizando-se das interações culturais concretizadas entre o cidadão e seu espaço de vida -- e que permitem estabelecer uma esfera cultural que funciona como cenário de sua memória -- concatena as noções de Patrimônio, Herança Cultural, Memória e Museu, a fim de propor um processo teórico e técnico de musealização, que possa integrar também a área rural, e que seja aplicável para a conversão da cidade de Itu em Cidade-Museu.



## ABSTRACT

CASTILHO, Emerson Ribeiro.

A CIDADE PAULISTA DE ITU PERSPECTIVAS RELACIONADAS À  
PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO.

Orientadora: Professora Doutora Diana Farjalla Correia Lima, UNIRIO/MAST. 2012.

The dissertation uses the concept of city and its historical origins as a starting point to elaborate on the concept of museum-city, and to apply it to the city of Itu, located in the state of São Paulo, in Brazil. In order to accomplish the task, it analyzes the inception of the notions of Museum and Patrimony, and focuses on the processes of Patrimonialization and Musealization as instruments to preserve memory and cultural references, both inherent to the space occupied by the city -- in our case, attributing relevance to the role of Cultural Heritage as one of the many components of any person's identity. Using the cultural interactions established between the citizen and his life space -- and which allow for the formation of a cultural environment that works as background for memory -- the dissertation links the notions of Patrimony, Cultural Heritage, Memory and Museum, in order to propose a theoretical and technical musealization process, one that is also able to integrate the rural area, and that is feasible for the conversion of Itu into a Museum-City.



## SIGLAS

**ONU** – Organização das Nações Unidas.

**UNESCO** -- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

**ICOM** -- Conselho Internacional de Museus.

**ICOFOM** -- Comitê Internacional para Museologia.

**ICOFOM LAM** – Sub comitê Regional para América Latina e Caribe do Comitê Internacional de Museologia.

**ICOMOS** -- Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

**TICCIH** -- Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial.

**SPHAN** – Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

**IPHAN** -- Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

**CONDEPHAAT** -- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.

**INEVAT** -- Instituto de Estudos do Vale Médio Tietê.

**FPHEESP** -- Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento do Estado de São Paulo.

**CIAM** – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna.

**IMN** – Inspetoria de Monumentos Nacionais.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DE CIDADE A CIDADE-MUSEU PELA PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO	19
1.1 AÇÕES DE INSTITUCIONALIZAÇÃO: PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO	37
2. OBJETIVOS E METODOLOGIA	55
3. HISTÓRIA DE ITU E SEUS REFERENCIAIS DE MEMÓRIA: ENTRELACANDO PATRIMÔNIO E MUSEU	59
3.1 ITU – UM MUSEU VIVO QUE MESCLA CULTURAS E TEMPOS	70
4. PROPOSTA DE MUSEALIZAÇÃO INTEGRANDO O ESPAÇO RURAL	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	123
LISTA DE IMAGENS	127



# INTRODUÇÃO



## Introdução

Se enxerguei mais longe foi porque  
apoiei-me em ombros de gigantes.

ISAAC NEWTON, 1642-1727

Itu marcou nossa história, (isto é, o autor da dissertação nasceu lá em 1983)... segundo relato paterno, na manhã chovia muito... imaginamos sua emoção ao ser pai pela primeira vez... essas são lembranças que nos pertencem (neste caso, ao autor e a sua família) como cidadãos ituanos e que aqui iremos contar para desconhecidos e nossos familiares mais jovens que continuarão a contar nossas histórias... Memórias criadas e transmitidas, recriadas, reinterpretadas... sobretudo, seu cenário é Itu... a cidade marca e interliga gerações. Um cenário que atua quase como um ator; e é deste jogo de estarmos contidos na história da cidade que passamos a vivenciar em meio a Memória Coletiva, um Patrimônio pessoal que se percebe com olhar profissional e se transforma em Cidade-Museu...

Iniciaremos a pesquisa que trata da nossa cidade no primeiro capítulo: DE CIDADE A CIDADE-MUSEU, PELA PATRIMONIALIZAÇÃO E Musealização. Neste tópico são apresentados autores que pesquisaram a fundação dos primeiros conglomerados urbanos representados pelas cidades da região do Crescente Fértil no mundo antigo e aproximando tais núcleos ao campo da Museologia através dos



teóricos que relacionam esses primeiros períodos de tempo, rotulados como Antiguidade e Antiguidade Clássica, com o surgimento dos primeiros apontamentos para o que poderíamos pensar como o início das ideias e das formas de Museu - - na Grécia - - e Patrimônio - - em Roma.

Com a organização social espelhada no arranjo urbano das cidades, percebemos também a construção de uma Herança Cultural, o mesmo que Patrimônio, vinculada à ideia de organização política que formou o que compreendemos hoje como cidadania e identidade cultural, ligando o cidadão à sua terra natal através de traços culturais peculiares do meio e da adaptação a esse meio - - a cidade.

Assim passamos a refletir sobre a relação entre cidadania e identidade cultural, ambas construídas a partir da herança cultural expressa por um conjunto de Bens (Culturais) que, legitimados como Patrimônio mediante sua institucionalização, constituirão o assunto ainda tratado no desdobramento da primeira parte de nossa fundamentação teórica: AÇÕES DE INSTITUCIONALIZAÇÃO: PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO.

Neste item apresentamos o que podemos denominar de refinamento das relações entre o exercício do poder, tanto na esfera política como na esfera do conhecimento quando então, depois de reconhecido o valor simbólico de um Bem Cultural por atribuição, é legitimado e assegurado com a criação de Instituições que assim o tratam, definindo-o e determinando indicações para sua proteção, auxílio e salvaguarda. Apresentamos as definições de Museu e Patrimônio, refletimos sobre os



pontos convergentes e divergentes entre as ações que lhes estão relacionadas, isto é, Musealização e a Patrimonialização.

Apresentamos um panorama histórico para traçar as transformações Herança Cultural expressa sob as formas Museu e Patrimônio que, desde seu surgimento até a atualidade, permanecem no âmago das discussões da Museologia relacionadas tanto à esfera de ordem prática como de ordem teórica. Ainda, apresentamos as diversas formas que se expressam tanto o Museu quanto o Patrimônio, recortando do tema as condições de uma leitura e tratamento conjuntos de uma cidade como Cidade-Museu, como a que propomos para Itu.

O modo de encontrar e seguir o caminho da pesquisa está exposto em OBJETIVOS E METODOLOGIA quando identificamos na cidade de Itu um espaço de significações (interpretações simbólicas) representado pelo conjunto do Patrimônio: Bens das categorias Material e Imaterial, Cultural, Natural - - todos associados à identidade cultural ituana - - e a partir desses elementos desenhamos uma proposta para Musealização da cidade, sob a forma de Cidade-Museu.

Para tanto, aproximaremos nosso leitor da HISTÓRIA DE ITU E SEUS REFERÊNCIAIS DE MEMÓRIA: ENTRELAÇANDO PATRIMÔNIO E MUSEU, nosso terceiro capítulo, no qual fazemos uma leitura das relações que fizeram da cidade de Itu um espaço singular, como cenário onde se formou uma Matriz Cultural de significações de cunho Caipira, fundamentada na relação humana com o cultivo da terra, essencialmente rural, e que mais tarde relacionou-se com o centro da cidade.

Apresentamos alguns momentos dos quatro séculos de história da cidade,



quando pontuamos o valor simbólico que permanece ainda hoje vivo e preservado, quer seja na forma Museu (Patrimônio musealizado) quer seja na forma de Patrimônio (em suas amplas formas de expressão), quer em ambas. Ampliando mais esse assunto temos a segunda tópico do capítulo intitulado ITU – UM MUSEU VIVO QUE MESCLA CULTURAS E TEMPOS, no qual enfocamos as iniciativas que se destacam relacionadas a Patrimonialização e Musealização - - tanto na forma de projeto como de ação - - que se desenvolveram na cidade ao longo dos últimos três séculos.

Traçado esse panorama das propostas anteriores de musealização que se processaram na cidade de Itu, e já pontuada a relevância do universo rural e da singularidade do caipira, partimos para a finalização da pesquisa com a PROPOSTA DE MUSEALIZAÇÃO DE ITU INTEGRANDO O ESPAÇO RURAL, que valoriza a cultura caipira e relaciona o centro da cidade e demais espaços com as fazendas e o entorno rural, projetando o foco de atração e oferta museológica também para o campo, integrando a cidade como um todo e qualificando-a como Cidade-Museu.

Imaginamos ao finalizar a pesquisa do mestrado o quanto esse assunto pode ser investigado por outros planos interpretativos, mas o tempo reservado a um mestrado impõe restrições. É possível pensar que poderíamos ter ido mais longe do que fomos e as CONSIDERAÇÕES FINAIS expressam a nossa trajetória e o desejo de dar continuidade a pesquisa de mestrado desenvolvendo o tema e outro patamar, a perspectiva de um aprofundamento pelo doutorado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

# 1. DE CIDADE A CIDADE-MUSEU PELA PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO



Cities need museums like people need memories: not as a repository of their past, but as a token of their identity and a guide to the future.

Joseph Rykwert.

As cidades precisam de museus como as pessoas precisam de memórias; não como um repositório de seu passado, mas como um símbolo de sua identidade e um guia para o seu futuro.

(tradução nossa)



## **De cidade a Cidade-Museu pela Patrimonialização e Musealização.**

A fundação das cidades na história da humanidade é apontada por historiadores, arqueólogos, antropólogos, museólogos e arquitetos, entre outros<sup>1</sup>, como elementos demarcatórios de uma organização social voltada para os seres humanos. Assim, para os ocidentais, neste aspecto inicial dos conglomerados urbanos, nossa herança está ligada ao cenário do período estabelecido pela História como Antiguidade. Parte deste cenário é território conhecido como Crescente Fértil, região do Oriente Médio, que hoje engloba os Estados de: Israel, Cisjordânia, Líbano, e ainda trechos da Jordânia, Síria, Iraque, Egito, bem como o sudeste da Turquia. O nome Crescente Fértil foi dado por James Henry Breasted<sup>2</sup>, historiador e arqueólogo da Universidade de Chicago, em razão do formato das terras que compõem o território serem parecidas com o desenho da lua crescente.

---

<sup>1</sup> BENÉVOLO, Leonardo; A história da cidade; São Paulo. 1999. p.26.

<sup>2</sup> BREASTED; James Henry. A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest. New York: Charles Scribner's Sons. NY:1905. Disponível em: [http://www.lib.uchicago.edu/e/spcl/centcat/fac/facch10\\_01.html](http://www.lib.uchicago.edu/e/spcl/centcat/fac/facch10_01.html).



F.1

Em período posterior, o cenário do desenvolvimento da civilização humana alcança as regiões banhadas pelo Mar Mediterrâneo onde a História adota a nomenclatura de Antiguidade Clássica e onde a representação do urbano ou a noção da cidade se transforma, pois se apresenta fundada em modelos políticos como a *polis* grega, modelo posteriormente replicado no mundo romano, ambas culturas que nos legaram o sentido primeiro das ideias de Museu e Patrimônio, vinculadas à esfera institucional, como veremos.

Primeiramente, um fator peculiar relacionado à história das civilizações antigas é que o modo grego difere das demais pelo motivo de ter florescido junto ao mar na forma de um território descentralizado pela geografia do arquipélago e, assim, elaborou ou adaptou de outras culturas fundamentos e pontos de referência singulares conforme ilustra Jaa Torrano:

Na Grécia, os séculos VIII – VII a.C. testemunharam a germinação ou transplante de instituições sociais e culturais cujo florescimento ulterior transmutaria revolucionariamente as condições, fundamentos e pontos de referência da existência humana: a polis, o alfabeto e a moeda.<sup>3</sup>



F2  
Cidade grega



F3  
Alfabeto grego



F4  
Moeda ateniense

O modelo das antigas cidades gregas desde o período arcaico até o período clássico é, segundo Malaco<sup>4</sup>, a *polis* (πολις) - plural: *poleis* (πολεις). E devido às características de um modelo urbano, o termo tem sido usado como sinônimo de cidade. As *poleis*, portanto, indicam um modo de vida citadino, considerado a base da civilização ocidental e, ainda conforme o mesmo autor, pontuam um elemento fundamental na constituição da cultura grega o que tem permitido afirmar que o homem é um ‘animal político’.

<sup>3</sup> HESÍODO. Teogonia, a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. Bibl. Pólen SP: Iluminuras, 1991.p.15.

<sup>4</sup> MALACO, Jonas Tadeu Silva . Da Forma Urbana: o Casário de Atenas. São Paulo: Alice Foz, 2002. p. 64

### A *Polis* é a Cidade.

Entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos -- no grego “*politikos*”-- isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, cuja terra natal lhes confere direitos e deveres; livres e iguais. Cabe-nos lembrar que nenhum indivíduo da *polis* é exatamente igual ao outro, porque eles têm diferentes aspirações tanto para si quanto para a cidade; o que muitas vezes levou a conflitos separatistas ou mesmo migração para fundação de novas cidades-estado fora dos limites das anteriores <sup>5</sup>.

Desta forma, o conceito cidadania/cidadão veste o ato do nascer em determinado *locus* (lugar) – quando *polis*, conferindo-lhe identidade como um valor simbólico envolvente, atribuído por associação da comunidade organizada que se entende culturalmente como cidade, e define características de direitos e deveres associadas a essa identidade.



F 5

Acrópole - Atenas



F 6

Arquipélago grego no  
Mar Mediterrâneo

---

<sup>5</sup> Idem.

A vida na polis dividia-se em duas esferas: a privada, que dizia respeito ao casamento, à família e ao patrimônio, e representada pela sua casa; e a esfera pública expressa pelo espaço público urbano, o mesmo que político, pois era o espaço da *polis* e suas instituições. Estas, que deliberavam e executavam diretrizes e regras para a cidade, efetivamente, constituíam-se como instituições políticas. De uma forma geral, ambas as esferas eram soberanas em si mesmas: assuntos privados não diziam respeito às discussões públicas, e vice-versa. Austin e Nauquet <sup>6</sup> em estudo focalizando a sociedade grega chamam atenção para a visão que os homens tinham sobre sua "cidadania": uma pessoa nascida em Atenas não diria "sou nascido em Atenas", mas afirmaria "sou ateniense". Isso mostra que a relação pessoal identitária ligada à *polis* não era apenas com o território, no sentido do termo como espaço físico, mas sobretudo expressava o laço com a comunidade, o sentido de pertencimento.



F7

Friso com as nove musas

<sup>6</sup> AUSTIN, Michel; NAQUET, Pierre Vidal - Economia e Sociedade na Grécia Antiga. Lisboa: Edições 70, 1986.



A *polis* também tinha sua relação com o sagrado, possuía divindades protetoras da cidade, e os santuários figuravam como ponto de honra no arranjo urbanístico como, por exemplo, o Templo do Tesouro dos Atenenses, edificado em Delfos no século V a.C.

Nesse contexto podemos considerar os tesouros dos templos, constituídos pelo acúmulo de oferendas trazidas pelos fiéis como os primeiros sinais de um formato de Museu, conforme indicam autores que enfocaram o tema <sup>7</sup>.

E o templo dedicado às Musas, edificado sobre a colina de Hélicon, em Atenas, é tradicionalmente considerado o primeiro exemplo de Museu - o MOUSÈION. Neste espaço havia objetos votivos como, por exemplo, escudos, relíquias, inscrições lapidares, vasos, esculturas, jóias e coroas que modernamente são associados ao conjunto que se entende como coleções, as coleções de museus <sup>8</sup>.

Posteriormente o império grego de Alexandre, o Grande, estendeu a cultura grega para novos domínios. Este período é conhecido como Helenismo. E a morte prematura de Alexandre, que não deixou herdeiros legítimos, fez com que seu reinado fosse fracionado e dividido entre quatro de seus generais.

---

<sup>7</sup> GYRAUDY, Daniele; e BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Belo Horizonte: UFMG, 1990.p.19.

<sup>8</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. Museologia e Patrimônio, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. p. 38. Artigo baseado em original publicado em 1997, Simpósio ICOFOM – Museologia e Memória, organizado pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)/Conselho Internacional de Museus (ICOM),Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>> Acesso em: junho de 2011.



he Pharos island and the Pharos according to the Natural History Museum, New York and an image today (E. Bauer: Die sieben Weltwunder, p. 130)



F8  
Alexandria



F.9.  
Alexandria

A porção sul que englobava o Egito foi governada por Ptolomeu III que fundou em memória de Alexandre a sua capital Alexandria, onde reuniu grande parte da intelectualidade da época. Foi em Alexandria que, segundo documentos<sup>9</sup>, estava situado o Mouseion, Academia Ptolomáica (cerca do século III a.C). “O Museu, concebido nos moldes do Liceu de Aristóteles, compreendia um passeio (peripatos) <sup>10</sup>,

<sup>9</sup> BENNETT, Tony. The birth of the museum. London: Routledge. 1995.

<sup>10</sup> Aos moldes da Peripatéia em que Sócrates teria educado Alexandre o Grande.



uma galeria (exedera) e um santuário às Musas (museion), de onde se supunha provir inspiração artística, filosófica e mesmo científica <sup>11</sup>.”

Tratando desse assunto sob a perspectiva de análise de desenho do campo museológico, Lima <sup>12</sup> explica:

Esse complexo cultural, terminologia que ora se aplica no momento e domínio acadêmicos, apresentava esculturas expostas de modo permanente em meio aos espaços das áreas naturais; exibia espécimes vivos nos seus jardins botânico e zoológico (ao modo dos atuais museus vivos); desenvolvia estudo do cosmos no observatório astronômico; tomava sob sua guarda, no arquivo, os registros dos relatos e dos atos ocorridos inclusive sob a forma de imagens (relevos); possuindo, ainda, uma [...] biblioteca, territórios de exposições (galerias com obras de artes e alamedas naturais) e, ainda, tipologias museológicas de classificações diversificadas (jardim botânico) incluindo-se espaços abertos (museus ao ar livre).



F.10

interior da atual biblioteca de Alexandria



F.11

atual Biblioteca de Alexandria.

<sup>11</sup> FLOWER; Derek Adie. A biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria. 2002. p.55.

<sup>12</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e Patrimônio Interdisciplinar do campo.:História de um Desenho (Inter)Ativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. VIII ENANCIB 2007– GT Debates em Museologia e Patrimônio. Salvador: ANCIB/PPGCI-UFBA. 2007.



Passando do mundo grego para o mundo romano, herdeiro que foi da cultura grega, há o exemplo da República Romana, do Latim res-publica (coisa pública); cujo termo é utilizado por convenção para definir o Estado romano e suas províncias desde o fim do Reino de Roma (509 a.C., quando o último rei foi deposto) ao estabelecimento do Império Romano em 27 a.C.<sup>13</sup>

A Res-Publica, coisa pública, é uma forma de governo na qual o chefe do Estado é eleito pelos cidadãos ou seus representantes, tendo a sua chefia uma duração limitada<sup>14</sup>. A origem deste sistema político está na Roma antiga, onde surgiram instituições de representação dos cidadãos como o Senado.

A organização da sociedade romana lançou mão de leis para assegurar direitos sobre os bens de propriedade privada e marcar a distinção entre seus habitantes romanos dos outros habitantes não nascidos em Roma ou sob a égide do Império. Neste mesmo contexto, Lima e Rodrigues<sup>15</sup> associam esse momento histórico ao surgimento do conceito inicial de Patrimônio, posteriormente instituído no âmbito do Direito Romano:

Conjunto de bens do Pater transmitido por herança ao(s) filho(s) – Propriedade particular transferida após a morte pelo direito à sucessão (Roma, século V a.C., Lei das XII Tábuas; ideia base para o Direito

---

<sup>13</sup> Prefácio não assinado. Grandes Impérios e Civilizações: Roma - Legado de um império. Madri: Ediciones del Prado, 1996. vol.1. p.22.

<sup>14</sup> Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: 2010.

<sup>15</sup> Esta referencia estava errada já está com nomes de autores corrigido pelo ICOM  
LIMA, Diana Farjalla Correia, COSTA, Igor R. da . Patrimônio herança, bem e monumento: termos, usos e significados no campo museológico. In: ICOFON/ICOFOM LAM - INTERNACIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND HISTORY: a fiel of Knowledge. 2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Ata Gracia y Casa del Virrey Liniers. Córdoba. ISS 35 - ICOFON/ ICOFON LAM. 2006. p. 243-250.

Romano). Nesta acepção o patrimônio como conjunto, prerrogativa do pai, remete à idéia do uno, portanto indivisível.<sup>16</sup>

O Patrimônio foi primeiramente criado e instituído como ‘um direito’ de propriedade privada dentro de relações familiares, portanto em nível individual, isto é, de cada cidadão.



F.12

O SENADO ROMANO

Já a noção de Patrimônio como bem coletivo com a qual estamos familiarizados a tratar na esfera cultural é a de um patrimônio público, idéia criada e instituída a partir do século XVIII como conquista da Revolução Francesa ao nacionalizar os bens da Igreja e da nobreza, levando a associar aos movimentos que hoje se pode nomear de

---

<sup>16</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, Informação, Comunicação e Terminologia: Pesquisa termos e conceitos da Museologia. In: GRANATO, M., SANTOS, C. P. dos LOUREIRO, M. L. (org.). MAST COLLOQUIA - Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST. 2008. p. 181-200. v. 1. p. 189.



patrimonialização e musealização, respectivamente representados pelo patrimônio nacional (imóveis) e pela coleção de bens nacionais (móveis).

No processo de nossa interpretação envolvendo o cidadão que habita um *Locus* - lugar, uma *Polis (res publica)* - uma Cidade e o Patrimônio coletivo, agrega-se a formulação de uma Cidade-Museu cujo habitante figura duplamente como ator nesse cenário: ora como integrante da vida da cidade, ora como seu espectador.

São as interações culturais estabelecidas entre o humano e seu espaço de vida que permitem, através da paisagem da cidade vista tanto como *habitat* (espaço do habitar - lugar) quanto como *polis* (espaço de direitos e deveres políticos), perceber os sentidos de acumulação, agregação, coexistência de épocas, culturas distintas e até mesmo contraditórias.

As cidades são espaços que desde a Antiguidade até os dias atuais guardam forte ligação com as origens culturais de um povo, e os arranjos, tanto do urbano quanto do rural, espelham os ritos que marcam os seres humanos no ciclo que envolve a sua trajetória entre vida e morte. Cidades são o resultado de um esforço complexo para abrigo e proteção desenvolvidos pelos humanos desde que passaram a ser sedentários.

Ao deslocar-se por uma cidade há a oportunidade de apreensão do espaço para a reflexão, afinal enquanto território de transmissão de saberes e de fazeres, a cidade se revela capaz de ilustrar como o pensamento do homem ocidental se expressa sob esquema cultural urbano (seja arquitetura propriamente dita localizada na cidade, mas



também as construções rurais) para projetar os símbolos através dos quais organiza o mundo.

Nesta condição é permitido pensar quantas épocas e quantas (c)idades na sua dinâmica de vida estão ali depositadas. E estas agregações que se originam do plano mental e se materializam no físico, envolvem e levam a conduzir para interpretar a paisagem da cidade que existe dentro de cada indivíduo que ali mora e convive, o cenário da sua cidade que foi construído a partir das significações sob as quais as coisas e o contexto que as produziu foram interpretados no aspecto do seu ambiente sócio-cultural.

É a partir da experiência no deslocamento, vivenciando os espaços da cidade que, com o passar do tempo, dentro de cada pessoa, se passa a elaborar e construir uma Paisagem Interna. Este processo está ligado ao aspecto que estabelece a permanência da memória no sentido bergsoniano que reflete uma condição de atemporalidade, instalando um sentido de permanência, ou seja, a capacidade de agir como um eterno retorno enfocado por Bergson<sup>17</sup> e que é interpretado por Lima<sup>18</sup>,

Tomando como referencial o tempo vivido, ou a duração da consciência; que não distinguindo estados, [a Memória Social] mantém a continuidade fazendo-o ininterrupto. O processo que ocorre é ao mesmo tempo de novidade e de conservação em movimento, o eterno presente. O tempo que se volta sobre si mesmo, atemporal.

---

<sup>17</sup> BERGSON, Henri. *Matière et mémoire: essais sur la relation de corps à l'esprit*. Paris: Quadrige. Press Universitaires de France, 1990. p. 87.

<sup>18</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. *Museologia e Patrimônio, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. p. 38. Artigo baseado em original publicado em 1997, Simpósio ICOFOM – Museologia e Memória, organizado pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)/Conselho Internacional de Museus (ICOM), Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>> Acesso em: junho de 2011.



Essa paisagem internalizada da relação (afeto) com um determinado lugar e sem tempo definido constitui para os habitantes de qualquer cidade o cenário de sua memória. Esse quadro de vida que é compartilhado pelas pessoas com pontos comuns é entendido como um espaço simbólico da cidade e também nomeado por Jeudy<sup>19</sup> como “capital simbólico de lugares memoráveis”, portanto de significações, e interpretado como um Patrimônio, ou seja, uma referência cultural que, sendo particular do lugar, é também peculiar para seus habitantes; assim a cidade nos confere identidade como cidadãos por meio de direitos e cultura singulares.

As Paisagens Particulares são peculiares à memória de cada um dos indivíduos. São paisagens internas que existem como representações (idealizadas ou não) das externas, e foram incorporadas afetivamente à Memória, a partir dos aspectos físicos (tanto o espaço construído como o não trabalhado pelo homem) e simbólicos que operam juntos no ‘corpo’ da cidade: na criação e transformação (deformação ou valorização) do que se entende por Patrimônio.

A cidade guarda, assim, no aspecto físico e no aspecto do imaginário social um conjunto de referenciais, os Bens que foram assim determinados pela dimensão cultural e, deste modo, compreendidos como um Patrimônio capaz de representar momentos que se expressam como Memória Social. Esta forma coletiva que está associada à identidade dos habitantes da cidade, os cidadãos, vincula-se ao Patrimônio em contexto tangível (material) e intangível (imaterial) relacionada aos sentidos e realizações humanas no modo particularizado de ser, viver, isto é, no

---

<sup>19</sup> JEUDY, Henri Pierre. Espelho das cidades. Casa da Palavra. Rio de Janeiro.2005. p. 22.



comportamento dos grupos e na produção materializada que exprime sua cosmovisão. Ainda, este conjunto de valores patrimoniais é transmitido de geração a geração como um legado, em um processo de sucessão. Esta questão de referenciais de memória e coletividade pode ser assim explicitada

A Memória é processo da “ordem dos vestígios” e “releitura desses vestígios” (LE GOFF, 1984b, p. 11) apresentando propriedades de conservação/persistência e atualização de certas informações -- o conhecimento do passado está em estado virtual de evocação. Também, possui função de comunicação entre as gerações, pois realiza a transmissão de um modelo existencial/normativo (do mundo natural associado ao social) à maneira da já citada passagem da recordação. Comporta o conjunto das Manifestações Culturais relacionadas aos comportamentos sociais (Agir/práticas coletivas) e às mentalidades (Pensar/representações mentais coletivas) e, retornando a [...] Bordieu, pode-se dizer que sua ambiência envolve o relacionamento simbólico das estruturas mentais e sociais.<sup>20</sup>

Na memória existente nos espaços dos que vivem, dos que viveram, e dos que ainda viverão na cidade – que compreende tanto a metrópole (urbano e rural) como a necrópole -- há um elo comum entre eles e, lembrando Bloch <sup>21</sup>, é o “testemunho ou inscrição”, o mesmo que Patrimônio. Este, como símbolo inscrito no corpo da cidade, representa uma aglutinação de olhares dos ‘tempos’ para os ‘tempos’, entre as gerações.

A inscrição transmitida pelo processo cultural se dá pelo Patrimônio, que condensa uma visão que une gerações, e que guarda a relação fixada do tempo com o espaço da cidade. É dessa relação ancorada na memória que a cidade marca o legado e aponta para a inscrição da identidade, figurada, seja pela terra natal, pátria, ou a terra escolhida por aquele que vem de outro lugar, determinando o local de pertencimento.

---

<sup>20</sup> LIMA, D. F. C. 2008/1997. Op. Cit . p. 38

<sup>21</sup> BLOCH, Marc. Antropologia da história ou ofício do historiador. Rio de Janeiro, 2001.p.97.



Representa física e simbolicamente o marco das vidas, da existência. A cidade que é ponto de partida para o mundo é também um ponto de chegada e da criação de um ponto da permanência.

A cidade circunscreve o cidadão desde o nascimento até a morte; acompanha-o por toda a vida, adjectiva-o, dá-lhe ‘sotaques’ e funciona como principal cenário do início das trajetórias, representa as raízes afetivas e constitutivas. A cidade e seu conjunto de referências culturais, interpretadas como Patrimônio, são uma representação de experiências dos grupos sociais e mostram-se como um indicador de significação cultural valorizado como um ‘Bem’ que é, assim, interpretado:

A (re)interpretação que se faz do produto cultural ao qualificá-lo na categoria de Bem Cultural é uma atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial. E ao distingui-lo deste modo, torna-o ‘especial’ e em posição de destaque perante os demais objetos da mesma natureza, emprestando-lhe sentido de ‘excepcionalidade’<sup>22</sup>.

Os espaços ocupados e vazios da cidade e a relação com a vida dos habitantes, as referências acima mencionadas, consolidam a imagem que atua na memória e na história para a percepção, a transmissão das inscrições locais e para um diálogo entre os diferentes tempos, pelo que materialmente existe em uma cidade, bem como aquilo que foi mantido no aspecto da manifestação intangível pela história local e atividades atuais -- o ‘lembrar’ da memória coletiva -- como elemento de representação do que se denomina de identidade cultural, isto é, as características inscritas como marcas de determinados modos que são próprios do viver da região e que são percebidos pelos que não pertencem ao lugar como um modelo cultural diferente de

---

<sup>22</sup> LIMA, D. F. C. 2008/1997. Op.Cit.p.40.



ser/viver. É isto tudo, ou melhor, este conjunto definidor de um perfil de Patrimônio que leva a considerar tal Bem Cultural sob a forma de um desenho como Cidade-Museu.

Assim, Cidade-Museu compreendida como o território cultural ligado a ações de patrimonialização e musealização instituídas *in situ* em razão da excepcionalidade desses locais que podem se apresentar sob a forma sítios /cidades: formatos arquitetônicos, históricos, artísticos, arqueológicos, fazendas, bairros, vilas; sítios geológicos/paleontológicos; áreas naturais, habitat de animais, entre outros - - é o que pretendemos rerepresentar, isto é, a cidade de Itu como uma Cidade-Museu e não um museu de cidade.



## **1.1 AÇÕES DE INSTITUCIONALIZAÇÃO: PATRIMONIALIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO.**

Um Bem Cultural é uma atribuição de valor, e esse valor simbólico passou a ser reconhecido, legitimado e assegurado com a criação de instituições que assim o tratassem, definindo-o e determinando indicações para proteção e auxílio.

É considerado como uma das primeiras ações do mundo moderno no exercício da competência em um modelo institucionalizado para o Patrimônio a que está associada a Revolução Francesa, nacionalizando os bens reais (fins do século XVIII, início do século XIX) qualificando-os como de natureza pública. O Patrimônio Nacional, o Monumento Nacional e os tipos de caráter móvel e imóvel foram criados nesse período <sup>23</sup>.

A França, no aspecto de gestão, desenhou também o que é reconhecido como o conjunto das primeiras Políticas Culturais vinculadas à preservação do Patrimônio. E de acordo com Choay <sup>24</sup> isto se deu “com a chegada de uma gestão estatal, que a França ofereceu à Europa [por meio de um] modelo jurídico, administrativo e técnico”.

---

<sup>23</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.p.112.

<sup>24</sup> Ibid. p.117.



F. 13

Liberdade Guiando o Povo.

Na atualidade, gestores de ações em patrimônio tanto em âmbito estatal como em âmbito privado -- sendo este segundo representado por entidades de nível local a global -- são as instituições especializadas que representam o poder cultural, tais como: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, Conselho Internacional de Museus - ICOM, Conselho Internacional de Sítios e Monumentos - ICOMOS, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Comissão Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial – TICCIH; Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, Instituto de Estudos do Vale Tietê - INEVAT,



FPHESSP – Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento do Estado de São Paulo; Secretaria Municipal de Cultura de Itu, entre outras.

E o Patrimônio como conjunto de Bens de tipologias variadas é um conceito de amplo aspecto que, na atualidade e segundo o museólogo André Desvallées <sup>25</sup>, pode ser explicitado do seguinte modo.

[...] conjunto de todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo homem, materiais ou imateriais, sem limite de tempo nem de espaço, que seriam simplesmente herdados de ascendentes e ancestrais de gerações anteriores ou reunidos e conservados para ser transmitidos aos descendentes e gerações futuras. O patrimônio é um bem público cuja preservação estaria assegurada pelas coletividades. [...] A agregação de especificidades naturais e culturais de feição local contribui à concepção e à constituição de um patrimônio de feição universal (tradução nossa).

[...] ensemble de tous les biens ou valeurs, naturels ou créés par l'homme, matériels ou immatériels, sans limite de temps ni de lieu, qu'ils soient simplement hérités des ascendants et ancêtres des générations antérieures ou réunis et conservés pour être transmis aux descendants des générations futures. Le patrimoine est un bien public dont la préservation doit être assurée par les collectivités [...]. L'addition des spécificités naturelles et culturelles de caractère local contribue à la conception et à la constitution d'un patrimoine de caractère universel.

E segundo o International Council on Monuments and Sites – ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios <sup>26</sup>, filiado a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, pode ser assim definido:

Patrimônio é um largo conceito que inclui o ambiente natural e cultural. Abarca paisagens, lugares históricos, sítios e paisagens construídas, assim como a biodiversidade, coleções, práticas passadas e atuais,

<sup>25</sup> DEVALLÈES, André. Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. Tacnet Cultural.2000.1.CD.

<sup>26</sup>ICOMOS, International Council on Monuments and Sites - International Cultural Tourism Charter Managing Tourism at Places of Heritage Significance.1999.Disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/tourism\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/tourism_e.pdf). Acesso em: junho de 2011.



conhecimento e experiências de vida. Registra e expressa os longos processos históricos, formando a essência de diversas identidades nacional, regional, indígenas e local sendo parte integral da vida moderna. [...] O patrimônio particular e a memória coletiva de cada localidade ou comunidade é insubstituível [...]

Ainda tratando de formas reconhecidas do Patrimônio, foi depois de longo tempo da institucionalização e consequentes definições dos Bens Materiais, Culturais ou Naturais que, no século atual, foi dada uma definição para a representação Imaterial.

O Imaterial ou Intangível é assim definido pela Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível, UNESCO <sup>27</sup> (2003 – França).

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural intangível, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (grifo do autor, tradução nossa).

The “intangible cultural heritage” means the practices, representations, expressions, knowledge, skills – as well as the instruments, objects, artefacts and cultural spaces associated therewith – that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as part of their cultural heritage. This intangible cultural heritage, transmitted from generation to generation, is constantly recreated by communities and groups in response to their environment, their interaction with nature and their history, and provides them with a sense of identity and continuity, thus promoting respect for cultural diversity and human creativity.

---

<sup>27</sup> UNESCO. Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Paris(França).17 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>>. Acesso em: junho de 2010. p. 2.



E mesmo que, para efeitos de tratamento pontual, ainda se identifique o Patrimônio como Natural, Cultural, Material, Imaterial, o conceito de Patrimônio Cultural atualmente é de largo alcance. A UNESCO <sup>28</sup> reconhece a união entre passado e presente, material e imaterial, e que o natural preservado nas comunidades é um Monumento; todos representando o Patrimônio pela perspectiva da Cultura.

Foi no início do século XX, que o Modernismo (sobretudo arquitetônico), iniciou a disseminação da ideia e da importância da preservação do Patrimônio <sup>29</sup>. Sob tal perspectiva, a Carta de Atenas (1931) é apontada como “marco histórico internacional” <sup>30</sup> para o tema Patrimônio. O documento produzido a partir de um “encontro para preservação de obras de arte (1930)”, segundo a mesma autora, é o momento indicativo de que o assunto Patrimônio já estava sendo trabalhado pela Museologia, primeiro porque o encontro internacional contou com a “participação de profissionais de Museus” e “foi apoiado pelo Escritório Internacional dos Museus” (embrião do Conselho Internacional de Museus - ICOM) e “pela Sociedade das Nações”.

Deve-se chamar atenção para a relação entre Museologia e Patrimônio no contexto mundial no início da terceira década do século passado. Dentro do espírito patrimonialista não seria forçar a verdade ao se dizer que a Carta de Atenas datada de 1931, ‘documenta’ e ‘testemunha’ o entrelace.

Ainda no mesmo texto, a autora, tratando da associação entre Patrimônio e Museologia, refere-se ao acesso que teve à tradução da Carta para o português

---

<sup>28</sup>UNESCO. Cultural Heritage. Disponível em: [http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL\\_ID=2185&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=2185&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Acesso em: junho 2011.

<sup>29</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.p.89.

<sup>30</sup> LIMA, D. F. C. 2010. Op. cit. s/p.



realizada pela “museóloga Nair de Moraes Carvalho, e encaminhada à Inspetoria de Monumentos Nacionais” – IMN, em 1937.

A IMN criada por Gustavo Barroso em 1934 no conjunto de atividades do Museu Histórico Nacional <sup>31</sup> foi pioneira em âmbito federal a tratar do Patrimônio promovendo as primeiras ações concretas de restauração dos monumentos históricos <sup>32</sup>. Entretanto, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, em 1937, mais tarde nomeado Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, a Inspetoria foi extinta <sup>33</sup>.

O projeto do SPHAN – IPHAN primeiramente elaborado por Mário de Andrade e posteriormente remodelado pelo ministério, iniciou seus trabalhos em 1937 logo após o movimento internacional da Carta de Atenas (1931), com um corpo de profissionais e artistas vinculados ao Modernismo, desenvolvendo a Patrimonialização: ação a partir da prática de inscrição em um Livro de Registro, ou seja, um número de acesso à listagem representativa do conjunto patrimonial nacional e item técnico que inicia o processo de documentação no contexto da institucionalização, materializada no Livro

---

<sup>31</sup> A Inspetoria tinha pontos de conexão com o Curso de Museus porque era um organismo administrativo do Museu Histórico Nacional do mesmo modo que o Curso. Inclusive, os alunos do Curso realizavam trabalhos associados ao tema e algumas vezes também, durante viagens feitas no momento de finalização do Curso a locais de relevância cultural.

O Projeto Memória da Museologia no Brasil, UNIRIO, coordenada pelo professor doutor Ivan Coelho de Sá reúne documentação primária e secundária sobre o Curso de Museus e documentos relacionados.

<sup>32</sup> SÁ, Ivan Coelho de. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. ANAIS MHN, Rio de Janeiro. N.39;2007, p.10 – 42.

<sup>33</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos simbólicos do Patrimônio: Museologia “Patrimoniologia” e Informação em Contexto de Especialidade. GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB XI. Rio de Janeiro.2010. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/view/273/311>. Acessado em: junho 2011.



Tombo<sup>34</sup>. O modelo em questão foi resultado de um ato do Executivo Federal (Decreto Lei 25 de 1937) que, com força de Lei, instituía um Bem imóvel ou móvel como Bem Nacional a ser preservado, estabelecendo o critério de um Bem de valor diferenciado entre outros do mesmo tipo, para proceder aos Tombamentos.

Este ato tratava de simbolicamente e legalmente determinar a Patrimonialização de, por exemplo, um imóvel em um Livro Tombo, formalizando a sua salvaguarda. Esse processo de Tombamento é a Patrimonialização, forma institucionalizada que fora criada logo após a Revolução Francesa pelo governo francês com o ato da nacionalização dos bens burgueses e do clero.

E o histórico da implantação do Patrimônio no Brasil tem permitido verificar que o modelo francês foi base da ideia e do processo de Patrimonialização no país.

Retomando o cenário internacional, e novamente em Atenas, realizou-se em 1933 o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM onde se formulou um documento de mesmo nome ‘Carta de Atenas’, assinado por Le Corbusier na qual foram traçadas as diretrizes de tratamento da Preservação Patrimonial no Meio Urbano. E retomando Bloch - o Patrimônio é como um símbolo inscrito no corpo da cidade e representa a aglutinação de olhares dos ‘tempos’ para os ‘tempos’ - foi da mesma forma expressa pelos participantes do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM<sup>35</sup> que redigiram a Carta de Atenas em 1933

---

<sup>34</sup> Livros Tombo e seus temas de enfoque: Histórico/ Belas Artes/ Artes Aplicadas / Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

<sup>35</sup> Carta de Atenas. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna Moderna - CIAM. Atenas:1933. In:[http://www.icomos.org.br/cartas/Cartade\\_de\\_Atenas\\_1933.pdf](http://www.icomos.org.br/cartas/Cartade_de_Atenas_1933.pdf)  
Acesso em: junho 2011.



A história está inscrita no traçado e na arquitetura das cidades; aquilo que delas subsiste forma o fio condutor que, juntamente com os textos e os documentos gráficos, permite a representação de imagens sucessivas do passado.

A emergência na Preservação Patrimonial reuniu novamente seus pares preocupados com a questão em 1964, na Cidade de Veneza, onde foi elaborado documento para estabelecer, no ano seguinte, a fundação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS<sup>36</sup> que, filiado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, passou a regular e promulgar definições e deliberações que, com passar dos anos, formaram um expressivo conjunto documental que representa a evolução do conceito de Patrimônio sob a forma insitucionalizada, tendo sido o organismo que fez ‘nascer’ o Comitê responsável pelo Patrimônio Industrial – TICCIH.

Há na história do ICOMOS um fato revelado pela Museologia, por pesquisa acadêmica junto à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro<sup>37</sup>, e que veio apontar por levantamento documental outro ponto de conexão entre o Patrimônio e a Museologia: a criação do ICOMOS teve presença ativa do Conselho Internacional de Museus, ICOM desde o encontro em Veneza.

As entidades que ao longo do século passado e no atual vêm desenhando o que se deve entender como Patrimônio, assim como os Museus com seu objeto de estudo,

---

<sup>36</sup> ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. International Cultural Tourism Charter Managing Tourism at Places of Heritage Significance, 1999. Disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/tourism\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/tourism_e.pdf). Acesso em: junho de 2011.

<sup>37</sup> Pesquisa Termos e Conceitos da Museologia, UNIRIO (PPG-PMUS), coordenadora Diana Farjalla Correia Lima. Um artigo dando a informação já foi avaliado e está para ser publicado por instituição museológica no primeiro semestre de 2012:



são definidas como “instâncias de poder simbólico”<sup>38</sup> a partir de estudos e pesquisas feitas tendo como fundo teórico a obra de Pierre Bourdieu, e foram assim definidas como:

[...] entidades nacionais e internacionais, que tratam em nível conceitual e prático das representações do Patrimônio, os bens Simbólicos, seja definindo e estabelecendo diretrizes e padrões para interpretação e uso, outorgando atributos de relevância em nível local ou mundial e produzindo documentos de compromisso<sup>39</sup>.

Essas instâncias se articulam de acordo com a expressividade dos Bens que estão subordinados à sua esfera de poder, em âmbito internacional, regional, federal, estadual, e iniciativas municipais. Como exemplo de entidades, algumas já mencionadas, e outras:

- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO;
- Conselho Internacional de Museus – ICOM;
- Comitê Internacional para Museologia – ICOFOM;
- Sub Comitê Regional para América Latina e Caribe do Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM LAM;
- Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS;
- Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial - TICCIH
- Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN
- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT.

---

<sup>38</sup> LIMA, D. F. C. 2010. Op. cit. s/p.

<sup>39</sup> LIMA, D. F. C. 2010. Op. cit. s/p.



-- Instituto de Estudos do Vale Médio Tietê – INEVAT

-- Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento do Estado de São Paulo – FPHESESP

-- Secretarias, Autarquias, Institutos e Conselhos Municipais.

Ao expormos as ações institucionais vinculadas à preservação do Patrimônio, os Bens Móveis e Imóveis, cabe-nos lembrar que nos Museus, por exemplo, as coleções e o edifício ou territórios são por resultado da Musealização formas de proteção que se comparam ao ato da Patrimonialização. E os Museus como espaços de Memória Social são complexos que refletem a seleção feita pelos grupos sociais, nos quais as instâncias acima apontadas também se fazem presentes. O ICOM<sup>40</sup> se expressa em 2007 afirmando que

Seção 1. Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da Humanidade e do seu meio ambiente, para fins de educação, estudo e deleite.

Seção 2. Instituições reconhecidas pelo ICOM. O Conselho Executivo do ICOM, com o aconselhamento do Conselho Consultivo, poderá reconhecer outras instituições como possuindo todas ou algumas características do Museu.

1 - os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquiram, conservem e comuniquem a evidência material dos povos e do seu meio ambiente; 8 - os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação, a continuação e a gestão de bens patrimoniais materiais ou imateriais (patrimônio vivo e atividades digitais criativas);

---

<sup>40</sup> ICOM, International Council of Museums. Estatutos. XXII Assembléia Geral de Museus. Viena, 2007. Disponível em: [www.icom.org](http://www.icom.org). Acesso em: junho 2011.



A seção 2 nos itens 1 e 8 expressam a ampliação do conceito de Museu, indicando os espaços musealizados que integram o homem, a natureza, as formas de produção visíveis e as manifestações das práticas culturais.

O conceito de Musealização foi definido por Desvallées <sup>41</sup> a partir de alguns autores do Campo Museológico como uma ação técnica e conceitual que se assemelha à Patrimonialização.

musealização geralmente designa a transformação de um lugar vivente em uma espécie de museu, seja centro de atividades humanas ou sítio natural. O termo patrimonialização descreve melhor este princípio que repousa essencialmente sobre a idéia de preservação de um objeto ou de um espaço. (tradução nossa).

musealización designa de manera general la transformación de un lugar viviente em una especie de museo, ya sea centro de actividades humanas o sitio natural. El término patrimonialización describe mejor este principio que descansa esencialmente en la idea de la preservación de un objeto o de un espacio.

Entre as instâncias que tratam do Museu e do Patrimônio, a ligação se encontra relacionada quando acerca do mesmo Bem, isto é, o que foi patrimonializado ou musealizado, passando-se a processar as práticas de Musealização e Patrimonialização. Isto porque ambas têm por base comum as ações de registro do Bem em ambiente de inserção no Patrimônio ou no Museu e compõem o quadro da catalogação descritiva da forma física e do conjunto documental de ordem contextual. Neste aspecto define-se que o Bem passa a ser uma expressão cultural que está sob o domínio seja de um grupo comunitário ou de uma sociedade (vários grupos sociais).

---

<sup>41</sup> DESVALLÉES, André. MAIRESSE, François. Conceptos claves de museología. ICOM - Consejo Internacional de Museo. ICOFOM - Comité internacional del ICOM para la Museología. Paris, 2010.



A relação entre Patrimônio e Museologia também foi objeto de estudos e afirmativas de profissionais do campo atuantes no ICOFOM, do ICOM, Klaus Schreiner e Tomislav Sola que, em 1982, denominaram Patrimoniologia (Heritology) como um sinônimo de Museologia <sup>42</sup>, e o motivo foi a reflexão compreendendo que já se processava uma expansão do conceito de Museologia e Museu. E Mensch <sup>43</sup>, outro teórico do campo, reforçou a afirmativa explicando que este é um novo entendimento que “não é mais centrado no Museu, mas lida com a nossa atitude em relação a nossa herança como um todo”.

Acerca dessa relação ainda podemos lembrar a questão do Patrimônio, da Museologia e o ponto comum existente com o aspecto da Memória Social, sob o modo de memória identitária, que atua no aspecto do lembrar.

E o Patrimônio (correlatos: conforme André Desvallées <sup>44</sup>, Monumento<sup>45</sup>, Bem, Herança entre outros termos) sob qualquer tipologia (imóvel e móvel, tangível e intangível, natural e cultural, entre as quais os objetos musealizados) é compreendido como conjunto das referenciais culturais que se inscrevem como marcas de um perfil dos grupos sociais.

---

<sup>42</sup> DESVALÉES, A. Terminología Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. ICOFOM, ICOFOM LAM (ICOM). Rio de Janeiro: Tacnet Cultural. 2000. 1 CD. p.23.

<sup>43</sup> MENSCH, P. van. O Objeto de Estudo da Museologia. In: Pretextos Museológicos. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994 p.14..

<sup>44</sup> DEVALLEES, André. Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. Tacnet Cultural. 2000.1.CD.

<sup>45</sup> Cabe lembrar que o termo monumento atualmente também pode ser aplicado, por exemplo, a pinturas murais, retábulos, entre outros tipos.



Cabe aqui no contexto da Museologia e de espaços representativos do Patrimônio lembramos o surgimento do que se denomina museu a céu aberto também nomeado como museu de território.

A idéia de interpretar um lugar que poderia ser uma cidade, ou seja, um território de importância cultural, como um museu ao ar livre, foi primeiramente elaborada e proposta pelo cientista suíço Charles de Bonstetten, em 1790, data próxima da fundação dos museus pós-revolução na França, como já relatamos. E foi no final do século XIX que os museus a céu aberto se consolidaram nos países nórdicos como forma de resistência cultural ao processo de industrialização que alcançava toda a Europa.

Desse modo, consagraram suas ações às tradições da cultura popular ou etnologia regional -- então nomeada como folclore -- os folk museums <sup>46</sup>, e pautavam-se em expressar os valores ligados ao cotidiano rural da vida dos trabalhadores locais e das classes camponesas. Destacamos a importância de Artur Hazelius, sueco dedicado ao trabalho com museus, que foi o criador em 1872 do Nordiska Museet, na cidade de Estocolmo, a mesma em que se implantou o Parque Sanken fundado em 1891, e que “reúne jardins botânico e zoológico, lagos, um solar e uma aldeia de casas antigas transplantadas” <sup>47</sup>.

Este modelo do museu a céu aberto – “museu aberto opondo-se aqui ao museu coberto e fechado entre muros” – é pensado por Jean Clair <sup>48</sup> para demonstrar que

---

<sup>46</sup> ULDALL, Kai. Open Air Museums. Museum. Japanese museums, Paris, UNESCO, v.10, n.1, p.68-102. 1957, passim.

<sup>47</sup> GYRAUDY, Daniele; e BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Belo Horizonte: UFMG, 1990.p.31.

<sup>48</sup> CLAIR, Jean. Les origines de la notion d'ecomusée. Cracap Informations, n.2-3, p.2-4, 1976.



tudo o que há num território - reflete o modo cultural de habitá-lo. Assim podemos perceber que os museus a céu aberto; floresceram concomitantemente aos museus cobertos, ambos no final do século XVIII, porém com origens diferentes: os museus a céu aberto ligados à cultura do norte da Europa; e os museus cobertos com origem na antiguidade clássica - grega e romana - como vimos no início do trabalho.

Os museus a céu aberto foram criados primeiramente na Escandinávia porque, de acordo com Jean Clair <sup>49</sup>, essas iniciativas no campo da Museologia “se baseavam no conceito de civilização nórdica”, e diferiam do processo de musealização que se dá no museu coberto, pois ao aplicar esse tratamento museológico – in situ - ao Patrimônio, criara uma nova relação, proporcionando ao visitante uma vivência - ou experiência, que lançaria um novo olhar de valorização sobre a cultura do cotidiano e seus modos de vida compreendidos então como patrimônio cultural identitário.

As estreitas relações conceituais apresentadas entre Patrimônio e Museu estudadas à luz da Museologia, nos mostram que ambas as formas metafóricas funcionam como âncoras assegurando simbolicamente as referências culturais de nossa(s) memória(s) identitária(s), no mar turbulento de esquecimento da contemporaneidade global.

E Choay <sup>50</sup> nos lembra do propósito da lembrança, ponto convergente entre Museu e Patrimônio onde:

[...] o sentido original do termo [monumento] é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra,

---

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade:UNESP, 2001.p.18.



mas de tocar pela emoção, uma memória viva. [...] Ele [o monumento] trabalha [memória], e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse o presente. [...] Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. [...] ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento (grifo do autor).

O Patrimônio aqui apontado pela autora liga-se mais uma vez aos Museus ao identificá-los na qualificação de “Lugar Topográfico da Memória” conforme Pierre Nora<sup>51</sup> e de “Instituição de Memória Cultural” segundo Gérard Namer<sup>52</sup>. Nesta configuração são espaços dos símbolos e das representações que indicam, no momento presente, os caminhos já tomados pelas comunidades. E neste domínio da Identidade e da Memória Coletiva, na imagem do Patrimônio está assentado o alicerce dos Museus.

E é no espaço das significações, consideradas como interpretações que identificam e são reconhecidas como características peculiares a uma cidade, que podemos apontar o Patrimônio. Ainda nesse contexto é possível percebermos as condições do cenário com qualificação de “musealizável”<sup>53</sup>, e visualizar trabalhar as representações tomando como modelo a conjugação Cidade-Museu.

A condição de um valor patrimonial dada pela dimensão cultural aplicada a um determinado Bem, a exemplo das entidades que estabelecem titulações simbólicas, promulgando atos de salvaguarda jurídica, ou comunidades que elegem e distinguem deste modo perante sua coletividade e frente a outros grupos, é o que possibilita a essa Herança assumir o status de Patrimônio, e este, através do processo de Musealização, quando passa a ser tratado e categorizado como Museu, torna-se um

---

<sup>51</sup> NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard. 1984. v. 1.

<sup>52</sup> NAMER, Gérard. Mémoire et société. Paris: Méridiens Kincksieck, 1987. (Collection Société).

<sup>53</sup> LIMA, D. F.C. 2008. p.186.



espaço de usufruto para todos e de acordo com a sua função social.

E a Musealização que está inserida em uma ação técnica e conceitual de institucionalização pelas instâncias museológicas, ainda deve ser olhada conforme a compreende Cury<sup>54</sup> expressando que:

[...] o “Museu-poeta” é aquele que possui um “olhar museológico” capaz de perceber o valor dos objetos ao selecioná-los e ao preservá-los. O “olhar museológico” é o critério poético do museu para reconhecer a poesia espalhada nas coisas. O museu não coleta coisas, ele coleta a poesia que está nelas. Sendo assim, é este “olhar museológico” que vê além das próprias coisas, que define a musealização.

O olhar que vai além da mera visão que se volta para o que somente se apresenta sob forma física pode ser associado ao que afirma Jeudy<sup>55</sup> quando aponta que o Museu não é feito apenas de fragmentos, mas também de “totalidades particulares”. E estas identificam valores culturais com contornos específicos, envolvendo a vida relacionada ao território – circunscrito a partir das peculiaridades que definem um lugar para os habitantes como único no tempo e no espaço, como podem ser percebidas muitas cidades, o que é o caso de Itu. E determinadas cidades como lugares de memória musealizados pedem um tratamento, uma leitura ‘poética’.

Dessa forma, torna-se possível dizermos que não é o Território que ‘entra’ no Museu para se fazer representar fragmentado, mas é o tratamento museológico e de caráter in situ que permitirá ao Território, à Cidade, transformar os referenciais da memória coletiva do lugar, isto é, o conjunto patrimonial de suas peculiaridades visíveis

---

<sup>54</sup> CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILISOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. Coro/ Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ ICOFOM LAM, p.50-55, 1999.

<sup>55</sup> JEUDY, Henri Pierre (dir). Patrien folie. Paris: Éd. De la Maison des Sciences de l’Homme, 1990. p. 176.



na materialidade e expresso nas várias manifestações da intangibilidade que persistem nos fazeres locais, e no próprio Museu.

E ainda, segundo Jeudy <sup>56</sup>, nesses “lugares memoráveis”

as memórias são colocadas em exposição para que o reconhecimento de sua singularidade seja igualmente assegurado. O testemunho tem que ser exemplar [...] inserido em uma atmosfera de resistência comum ao esquecimento, este trabalho de rememoração impõe-se como um dever cívico e como uma fonte moderna de satisfação para as massas.

Estas formas culturais complementares merecem a pesquisa acurada e a preservação ativa com participação das pessoas da cidade que o procedimento de Musealização torna viável e factível pela iniciativa do cidadão, exercendo sua ação política (polis).

Choay <sup>57</sup> também aponta que, ainda no século XIX, pode-se falar no início de uma discussão sobre preservação de “conjuntos urbanos” com a mesma preocupação direcionada para a proteção dos edifícios individuais, pensando nas totalidades territoriais com vistas ao setor urbano, estendendo, portanto, a compreensão para além de um exemplar, ou um fragmento onde já no tempo presente

o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais, ele agora compreende os conglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades, como mostra a lista do Patrimônio Mundial estabelecida pela UNESCO. <sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Idem p.22.

<sup>57</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade:UNESP, 2001.p.18.p.122.

<sup>58</sup> ibidem.p.13.



E, neste caso, novamente retomamos Jeudy, quando trata do Museu como elaborado não por fragmentos mas de totalidades que exprimem peculiaridade, onde cidades inteiras são declaradas Museus ou Cidades-Monumento.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

## **2. OBJETIVOS E METODOLOGIA**



## 2. OBJETIVOS E METODOLOGIA

A dissertação pela temática exposta em sua rede de relações que a dimensão cultural proporciona, conjugada às questões e pontos de inflexão que explicitamos na fundamentação teórica (capítulo 1), teve como objetivos e desenvolveu sua metodologia, do modo que a seguir apresentamos:

### Objetivo Geral

Identificar e analisar o espaço de significações (interpretações simbólicas da dimensão cultural) da Cidade de Itu -- região do Vale do Médio Tietê -- que está representado pelo conjunto do Patrimônio: Bens das categorias Cultural, Natural, Material e Imaterial, e associado ao sentido de identidade (Memória Coletiva), visando a elaborar um estudo para Musealização da cidade, sob a forma de Cidade-Museu, tendo como referência conceitual a concepção de Museu de Território.

### Objetivos Específicos

-- Identificar e analisar os elementos integrantes das categorias de Bens que integram o Patrimônio ituano, segundo tipologias aplicadas aos exemplares pelas entidades nacionais e internacionais ligadas ao tema sob foco de estudo, salvaguarda e ações administrativas;

-- Estabelecer parâmetros, adequando as classes patrimoniais resultantes do processo acima mencionado e suas significações no contexto da vida da Cidade de Itu



(produtos, experiências, saberes, no tempo e no espaço) aos pressupostos da Musealização produzidos pelas fontes teóricas da Museologia.

-- Verificar por meio de visitas locais a Itu a existência, as condições físicas e os usos dados aos exemplares materiais citados em fontes pelas entidades ligadas ao Patrimônio e, igualmente, participar de manifestações culturais de diversos tipos, especialmente as que motivam fluxo turístico.

-- Elaborar proposta para desenho da Cidade de Itu segundo o modelo conceitual e técnico de um Museu de Território.

### Metodologia

A metodologia que foi aplicada na pesquisa para a dissertação, no seu modelo conceitual e operatório, configura um estudo de caso abordando o Patrimônio ituano nas perspectivas explicitadas anteriormente. Também se caracteriza como pesquisa de natureza qualitativa, levando em consideração os contatos estabelecidos na cidade, a subjetividade das relações que ali perpassam sob a forma de “palavras, ações, conjunto de interrelações, grupos, instituições, conjunturas dentre outros”<sup>59</sup> indicadores para compreensão do contexto de análise.

Os procedimentos técnicos que adotamos para identificar os pontos do tema foram os seguintes:

---

<sup>59</sup> GOMES, R. A. et AL. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E.R. (orgs.) . Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2005. p. 189.  
Nas REFERÊNCIAS lá no final repete tudo trocando somente as páginas para ---- p. 185-221.



-- 1 -- Levantamento bibliográfico na literatura brasileira e estrangeira em suportes tradicionais, bem como em ambiente Internet.

a) teses e dissertações, artigos de periódicos científicos, de anais de eventos, monografias (livros e capítulos), legislação, planos técnicos;

b) fontes com ênfase para produção de instituições especializadas (âmbito nacional e internacional): Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, Conselho Internacional de Museus - ICOM, Conselho Internacional de Sítios e Monumentos - ICOMOS, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Comissão Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial – TICCIH; Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, Instituto de Estudos do Vale Tietê - INEVAT, Secretaria Municipal de Cultura de Itu, entre outras.

-- 2 -- Visitas técnicas a Itu para levantamento e análise dos exemplares e das festividades representativas do Patrimônio.

-- 3 – Contatos, ao longo do desenvolvimento da pesquisa para elaboração de um diagnóstico, com habitantes de locais patrimonializados, e também com características para patrimonialização (fazendas); com pessoas da sociedade civil relacionadas às manifestações tradicionais); e com alguns membros de representações políticas, em conversas que, embora possamos considerar 'informais' pelas relações que detemos na cidade, nos deram informações e esclarecimentos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

### 3. História de Itu e seus referenciais de Memória: Entrelaçando Patrimônio e Museu.



Eu, Domingos Fernandes, morador na Vila de Santa Ana da  
Parnayba e residente neste Utuguassu,  
por me ver já velho e carregado de anos [...]  
Decidiu fazer seu testamento, encomendou a alma.

FERNANDES, Domingos, Inventário e Testamento. Vol 27, fls 69 a 120. Data: 24-1-1653.  
Juiz: Antonio Bicudo de Brito. Avaliadores: Francisco de Fontes e Manoel Pereira  
Farinha.Local: Vila de Santa Ana de Parnaiba, paragem de Utuguassu.  
Declarante: Manoel da Costa do Pino e Lourença, crioula da casa  
<http://www.projetocompartilhar.org/SAESPp/domingosfernandes1650.htm> Disponível em:  
janeiro de 2012



### 3. História de Itu e seus referenciais de Memória: Entrelaçando Patrimônio e Museu.

A cidade de Itu, situada no Estado de São Paulo, na região do Vale do Médio [rio] Tietê, está vinculada a momentos históricos considerados marcantes na trajetória da formação brasileira e, desta maneira, vinculada à construção da Memória Social e às questões que envolvem a preservação de um diversificado mosaico de representações simbólicas, composto por conjuntos de Bens que, à sua luz, ilustram a identidade da cidade, interpretados como Patrimônio e com qualidades para também serem percebidas como um Museu.

No ambiente patrimonial do tecido da cidade têm sido percebidas as relações entre os produtos culturais/Bens Culturais compreendidos como integração de todas as categorias, representados nos modelos ditos Patrimônio e Museu, e nos quais as relações de Musealização e Patrimonialização se completam, já que em Itu há uma variedade de seus exemplares: espaços naturais, arquitetura e espaços urbanos, coleções de objetos e de documentos textuais; e manifestações: nas suas festas, suas músicas, suas danças, seus “quitutes”, seu artesanato, e todo esse conjunto, ora nomeado como Patrimônio ou Museu.

Jeudy<sup>60</sup> nos diz que

Um dos primeiros objetivos da ordem patrimonial é o de expressar a identidade de uma região, de uma nação, de um acontecimento histórico... Essa referência obrigatória à identidade, transformada ela mesma na origem dos procedimentos de reconstituição do passado, ou

---

<sup>60</sup> JEUDY, Henri Pierre (dir). *Patrien folie*. Paris: Éd. De la Maison des Sciences de l'Homme, 1990. p.23.



de sua preservação museográfica, parece se opor ao fenômeno da globalização, funcionando como uma defesa contra a perda das identidades culturais.[...] o patrimônio do ponto de vista ocidental, [seria] o perfeito modelo de manutenção da integridade territorial das identidades culturais. O processo de reflexividade impõe a seguinte regra: a identidade bem-preserveda continua sendo o signo futuro de uma alteridade inalterada.

Nosso olhar está voltado, portanto, aos elementos tangíveis e intangíveis que ilustram o perfil da identidade ituana, e o reflexo que se estendeu pela região do Vale do Médio Tietê, incorporando diversas transformações sociais e geográficas sofridas ao longo do tempo.

O enfoque é sobre o Patrimônio nas suas formas de apresentação que se relacionam à construção coletiva dos grupos sociais registrada no imaginário, e que se pode denominar de identidade da cidade, cujas raízes estão na Memória local.

A construção conceitual que enuncia a concepção imagética definidora de 'mundo' para determinado grupo social, interpretação da realidade natural/social estabelecida pelo universo simbólico da Cultura, faz-se imersa no 'tempo social', ambiência na qual se articulam as linguagens dos movimentos coletivos [...] constitui ao mesmo tempo a matéria [...] e a referência [...] da Memória Social<sup>61</sup>.

A representatividade do conjunto da Herança Cultural de Itu, o Patrimônio ituano, originou na cidade procedimentos de preservação legal, como o tombamento, em nível estadual e nacional, de representações do material e do imaterial; e a criação de sete

---

<sup>61</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. *Museologia e Patrimônio*, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. p. 33-43. Artigo baseado em original publicado em 1997, Simpósio ICOFOM – Museologia e Memória, organizado pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)/Conselho Internacional de Museus (ICOM), Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>> Acesso em: junho de 2011.



Museus. E, também houve a ação do Executivo local para o amparo e a divulgação de festividades religiosas ou profanas e outras manifestações tradicionais.

Nesse cenário, o espaço cultural ituano já vem sendo formalizado como resultado de processos de Patrimonialização e Musealização, atos institucionalizados com base em significação simbólica procedentes de instâncias culturais e que são representadas pelo poder de apropriação cultural expressa por meio da proteção legal, preservação via tombamento (para os bens materiais) e registro (para os bens imateriais) e pela ação técnico-conceitual da criação dos Museus. Detendo o saber especializado no tema, as entidades definem os conceitos/Valores Patrimoniais e Museológicos, tendo no meio acadêmico uma representação na produção científica. E, conforme Lima <sup>62</sup>

Nestes vários domínios específicos da realidade social a forma simbólica se apresenta e deixa perceber, conforme a “sociologia dos sistemas simbólicos” (neste trecho grifado pela a autora a referência é o estudo de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico), que está “ligada às delimitações das competências, isto é, o conhecimento/os saberes .

Itu ao longo de quatro séculos, construiu, herdou, transmitiu e integrou um conjunto de referências da sua identidade, aspectos locais do que se convencionou nomear na esfera cultural de Patrimônio -- material, imaterial, natural e cultural. A cidade revela os ‘seus’ tempos vividos nessas quatro categorias de Patrimônio, e a relevância dessas formas existentes no local passa agora a ser relatada.

O atual Estado de São Paulo teve sua localização geográfica traçada no

---

<sup>62</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos simbólicos do Patrimônio: Museologia “Patrimoniologia” e Informação em Contexto de Especialidade. GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB XI. Rio de Janeiro.2010. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/view/273/311>. Acessado em: junho 2011.



território brasileiro durante o período colonial no século XVI, a partir do modelo político pautado nas Capitânicas Hereditárias, instituídas pela Coroa Portuguesa em 1532. No mesmo ano, o donatário, Martim Afonso de Souza, iniciou o processo de povoamento fundando na Capitania de São Vicente a Vila de São Vicente. Tão logo surgiu o desejo de apropriação e enriquecimento do território criou-se um movimento expansionista peculiar – as Bandeiras – expedições armadas que subiram a serra, com objetivo de apossar-se das terras e estabelecer vilarejos. O processo de ocupação do continente iniciou-se pelo litoral com povoações que se tornaram as cidades de Santos e São Sebastião<sup>63</sup>.

Possivelmente poderíamos apontar que o primeiro núcleo fundado pelo movimento das Bandeiras se deu no alto da serra, em 1560, com o povoado de Mogi das Cruzes, onde os bandeirantes encontraram o Rio Tietê – um rio cujo fluxo adentrava o interior do continente, e representou via de transporte e sustento às bandeiras e missões, desenvolvendo papel chave na apropriação do território.

Depois de transposta a serra e alcançado o planalto, foi ali fundada pelos Jesuítas, entre eles o Padre Anchieta, a Vila de São Paulo de Piratininga que, séculos mais tarde, seria a capital dessa Capitania, a qual originou o Estado de São Paulo.

---

<sup>63</sup> SILVA; Francisco Carlos Teixeira da. História Geral do Brasil. Maria Yeda Linhares org. – 9ªed.Rio de Janeiro: 1990. p.54.



F.14

Monumento às Bandeiras

A vila seguinte, fundada mais ao interior do território, foi Santana de Parnaíba, em 1580, de onde partiram os bandeirantes Domingos Fernandes e seu genro, Cristóvão Diniz. Embora o primeiro, desde 1604, detivesse a propriedade da sesmaria no então chamado Campos do Pirapitingui, foi escolhido o ano de 1610 como a data de fundação do povoado, porque está relacionado ao documento no qual ambos receberam autorização para a construção de uma ermida devotada a Nossa Senhora da Candelária no Outu-Guaçu.

E ainda nesse início do século XVII, ambos os bandeirantes alcançaram um



espigão entre rios, onde se localizava em um extenso planalto uma comunidade de índios Carijós. Neste ponto mais afastado em direção ao interior do continente fundaram um povoado, que originou a atual cidade de Itu.

Circunscrevendo esse planalto onde estava a aldeia Carijó, encontra-se também a quarta maior queda d'água do rio Tietê. Segundo a tradição oral, o local onde os índios se estabeleceram havia sido escolhido devido ao fato de que, desse ponto, era possível ouvir o som produzido pela cachoeira localizada a apenas alguns quilômetros. A tradição presume que este som para os indígenas possuía uma origem sagrada; afinal, tanto o rio quanto a própria água eram símbolos de uma das divindades cultuadas por esse grupo. E a própria prática do banho transpunha a função de higiene e representava uma experiência de caráter epifânico. Portanto, era importante para o grupo indígena viver a uma distância dessa cachoeira que fosse, ao mesmo tempo, um local seguro, ao abrigo das cheias, e repleto de simbologia: um ponto específico a partir do qual seria possível ouvi-la. O intuito era assegurar pelo som da cachoeira a lembrança da presença da proteção da divindade.

Explicar aos colonizadores, em outra língua, essa circunstância geográfica e, ao mesmo tempo, sagrada, foi um desafio para os indígenas, já que vocalizavam o som “i” que, na matriz lingüística guarani, significa água. Os indígenas emitiam o som do “i” junto com o som “tuuuuu”, representativo do barulho da cachoeira, criando uma onomatopéia para expressarem o significado complexo da queda d'água enquanto divindade, o que foi entendido pelos bandeirantes como sendo “ITU” o nome da aldeia



64

Com os trabalhos de linguística posteriormente desenvolvidos pelo padre José de Anchieta<sup>65</sup>, encontrou-se uma palavra de matriz guarani equivalente a cachoeira: Iguaçu. Assim, tendo sido compreendido o sentido da onomatopéia, a Vila passa a ter um nome composto e que ficou registrado historicamente com a grafia de Vila de Nossa Senhora da Candelária de Ytu Guaçu ou Utú Guassú. Anos depois, em diversos documentos, abandonou-se parte da expressão, sendo escrito apenas o neologismo ITU<sup>66</sup>.

O “i”, som evocativo da idéia de água, também já ajudava a definir, para os bandeirantes, sua distância geográfica em relação ao mar. Afinal, os indígenas do litoral se denominavam Kaiçara, palavra que, desmembrada em sua soma de significados, representa: Kai = homem + Í = água + Çara = Infinito; ou seja, homem que vive junto a uma quantidade de água infinita: o mar. Em oposição, os indígenas do interior do continente se denominavam Kaipira: Kai = homem + Pira = acima da serra/planalto; ou seja, homem que vive sobre o planalto, acima da serra e longe do mar. Essa situação geográfica do humano longe do litoral se adéqua ao habitante de

---

<sup>64</sup> É um exemplo significativo desta situação que no atual estado de São Paulo as cidades que tomaram os lugares das aldeias conservaram os nomes originais indígenas que relacionavam os animais mais peculiares a cada trecho do rio como, por exemplo: Jundiá = água (rio) do peixe jundiá; Corumbataí = água (rio) do peixe Corumbá; Capivari = água (rio) da capivara Jacaré = água (rio) do jacaré.

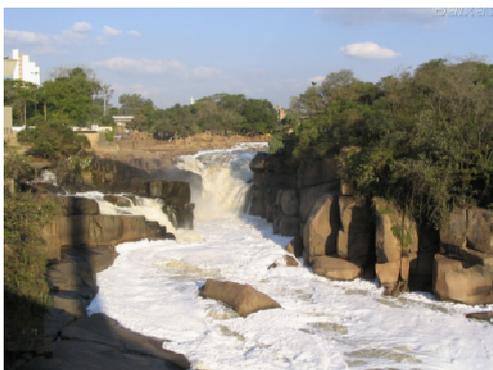
<sup>65</sup> ANCHIETA, José de. Arte de Grammatica da Lingva Mais Vsada na Costa do Brasil. Companhia de Jesus. Coimbra: Antonio Mariz, 1595 p.68.

<sup>66</sup> FERNANDES, Domingos, Inventário e Testamento. Vol 27, fls 69 a 120. Data: 24-1-1653. Juiz: Antonio Bicudo de Brito. Avaliadores: Francisco de Fontes e Manoel Pereira Farinha. Local: Vila de Santa Ana de Parnaíba, paragem de Utuguassu.

Declarante: Manoel da Costa do Pino e Lourença, crioula da casa

<http://www.projetocompartilhar.org/SAESPp/domingosfernandes1650.htm> Acessado em: janeiro de 2012

Itu, cidade localizada acima da serra e longe do mar <sup>67</sup>.



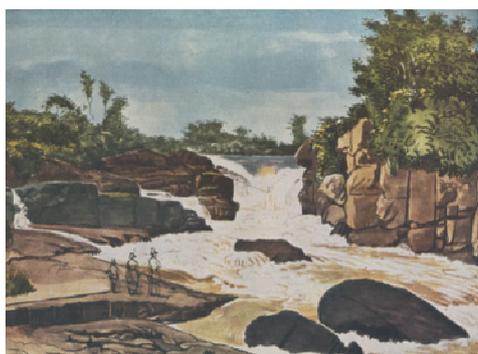
F.17.

Salto de Itu



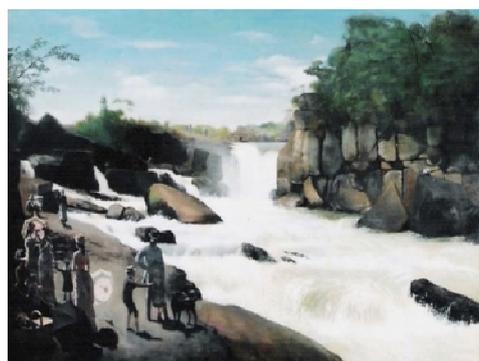
F.18

Miguelzinho Dutra



F.19

Hercules Florance



F.20

Almeida Jr.

Logo se deu a fixação de propriedade, marcando esse espaço com a edificação de uma ermida consagrada a Nossa Senhora da Candelária. Para ornar o local, a família Fernandes havia trazido uma imagem da Santa, cuja incumbência era a de iluminar seus caminhos, metáfora tão reconfortante para esses homens. Além disso, a existência de uma igreja significava que, em caso de morte, tinha-se assegurado um

<sup>67</sup> SILVEIRA BUENO, Francisco da. Vocabulário Tupi-Guarani Português. São Paulo 1982.p184.



local sagrado para o descansar. Assim, o sepultamento era realizado dentro da igreja, aos pés do altar, o que era significativo para os fundadores da cidade. Ainda hoje os restos mortais dos Fernandes jazem no interior da primeira Igreja Matriz da cidade, sob o olhar da imagem da Santa de talha portuguesa do século XVI trazida junto com os pertences dos que naquela terra depositaram toda sua esperança e fé.

Esse ícone religioso, patrimônio da categoria denominada Arte Sacra, continua no mesmo local da fundação da cidade. Embora objeto de veneração, é também considerado objeto de arte e possui simbolicamente a capacidade de cristalizar tempo e valor, funcionando como um documento conjuntamente com o nome da cidade, legitimando os primeiros referenciais relacionados à identidade ituana, ambos Patrimônios de ordem material e imaterial, respectivamente.

Nas palavras de Domingos Fernandes, a fundação de uma igreja devotada a Nossa Senhora da Candelária era trabalho primordial e de urgência, a fim de trazer os olhos e as bênçãos de Deus num momento de tanta fragilidade, sobre o qual pairava a incerteza a respeito da viabilidade e permanência do povoado. Parte dessa angústia provinha do fato de que a região era politicamente periférica, ou seja, o centro político da capitania de São Vicente era a própria Vila de São Vicente, localizada no litoral. Não foi à toa que a área de Itu recebeu o nome de “Boca do Sertão”, expressão usada durante muitos anos para identificá-la.

O povoado de Itu vingou e esse ponto, considerado o mais interior do continente, configurou uma expressão própria da geografia local, indicando a antiga região de Itu nomeada não só como o interior denotativamente geográfico, mas



também como o interior conotativamente simbólico e afetivo do Estado de São Paulo. Demarcando a relação de distância do centro de poder, duplamente: primeiro em relação ao litoral – a Vila de São Vicente, que fora o centro da Capitania -- e, em um segundo momento, entre Itu e a capital de São Paulo, reafirmando a idéia de interior do estado.

### **3.1 Itu – um Museu vivo que mescla culturas e tempos.**

O que nos faz identificar em Itu um aspecto tão peculiar que nos impregnou, mesmo vivendo na cidade grande por tanto tempo, e que nos faz voltar sempre, pode ser ilustrado pelo texto que vamos apresentar e que nos fez considerar válida sua inserção no início deste tópico da dissertação. Embora saibamos que não se deve academicamente iniciar ou terminar um capítulo dessa maneira, assumimos a permissão para o uso de uma (extensa) licença poética. O recorte é do jornal A República, publicado em “Ytu”, em 1906, tendo por autor G., cujo título é Museu Humano. Todos os grifos são originais do autor.



## “colaboração” MUSEU HUMANO

Preciso é convencer-mo-nos de que não há “museu” mais curioso, coleção mais variada, nem biblioteca mais completa que a própria natureza.

Promovemo-lo.

Houve quem disse que os homens prezam a mentira a ponto de não poderem viver sem Ella.

Supondo que não nos enganámos, o auctor primitivo deste lúcido theoremata foi, por força, o magno e infeliz Adão.

Até deviam se aquellas as suas primeiras palavras no momento em que acabava de converter a vida numa triste verdade.

Ora, parece ser do irreparável peccado do nosso pae commum, que data essa contínua e mal calculada indiferença a que o homem votou o vasto campo, sempre tão viçoso, sempre tão colorido sempre tão manifesto, da realidade, para se enovelar nos vapores hybridos errantes, fugitivos, e dissipáveis da ilusão. A mácula varreu-lhe do cérebro e dos sentidos a faculdade de se impressionar pelo mundo cheirável, palpável e visível; e., se neste derradeiro inventário apenas escapou de fatal eliminação o mundo saboreável, é porque carecia essencialmente delle para viver.

A natureza afigurou-se-lhe muito mais apreciável depois de morta, e é neste estado que a sciência humana a preferiu, desde então, para estudá-la e copiá-la!

Desastroso peccado! Pobríssimo raciocínio! Irrisória sciência!

Pois siga a sciência o seu rumo, que eu cá sigo o meu.

Acho muito mais rica, muito mais variada, muito mais completa, muito mais perfeita, muito mais significativa, uma bibliotheca de vivos, que uma bibliotheca de mortos; um “museu” de natureza buliçosa e palpitante, que um museu de natureza empalhada e hermeticamente arrolhada num frasco.

No mais curto passeio que dêmos, na mais simples e abreviada conversa que tenhamos com qualquer pessoa, no contrato de relações que façamos com um novo indivíduo em duas famílias de classe e educação diversas que visitamos, encontramos muito maior número de phenômenos, do que indo a “história natural”; estudamos com muito mais vantagem, apreciamos com muito mais lucidez, concluimos com muito mais precisão, descobrimos com muito mais certeza a verdade, do que dando balanço às bibliothecas de papel, ou ouvindo assídua, e attentiosamente as preleções encyclopédicas das nossas cathedrálicas escolas .

Para mim, é nas habitações, nas ruas, nos passeios, nos mercados... em toda a parte, emfim, onde apparecer um nhô Felix apregoando este ou aquelle espetáculo; um humilde tirador de esmolos para este ou aquele santo, revestido de sua opa, que o “museu” vive com o esplendor do seu colorido. É ahi, onde se vêem, onde se sentaem, além dos phenômenos phisicos, todos os phenômenos do espirito que um museu artificial não pode empalhar nem metter dentro de um frasco”<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> G. Museu Humano. Jornal A República. ANNO VII. NUMERO 502. YTU. 24 DE MAIO DE 1906.

Se os ‘Fernandes’ como família chegaram à localização de Itu desbravando as matas por caminhos terrestres, pois o rio neste trecho da região não é navegável, foi por causa do som da cachoeira do rio Tietê que, cultuado pelos indígenas, gerou no local um ponto de permanência, apropriado também pelos ibéricos. Possivelmente os índios indicaram aos Fernandes uma localização nos arredores do novo povoado, onde, após a arrebentação da cachoeira, o rio tornava-se novamente navegável, e essas margens do Tietê transformaram-se no Porto de Ararituaba, que mais tarde originou a cidade de Porto Feliz <sup>69</sup>.



F.21

Partida das Monções

José Ferraz de Almeida Jr.

---

<sup>69</sup> O primeiro município “filho de Itu”.



A região tornou-se um importante porto fluvial entre os séculos XVII, e XVIII, até meados do XIX, para os diversos tipos de expedições empreendidas desde a época do Brasil Colônia. Nomeadas de Entradas, Bandeiras e Monções, designam genericamente as viagens com fins tão diversos como os de simples exploração do território, busca de riquezas minerais, captura ou extermínio de escravos indígenas ou, mesmo em período posterior, de africanos. E quando o Bandeirantismo deu seus primeiros sinais de esgotamento, a notícia do ouro do sertão de Cuiabá chegou a Itu pela rota do Tietê. A partir de 1719 começou a época das grandes monções, gigantescas expedições fluviais “que ferem de espanto a imaginação dos europeus acostumados a seus rios mesquinhos”<sup>70</sup>, no dizer de Auguste de Saint-Hilarie<sup>71</sup>. Sergio Buarque de Holanda<sup>72</sup> chamou de “estradas móveis” os rios percorridos pelas monções com destino a Cuiabá que partiam dessa antiga região Itu, hoje Porto feliz.

As Monções foram também definidas por Holanda, no início dos estudos sociais sobre a formação da identidade brasileira, como sendo:

---

<sup>70</sup> SAINT-HILARIE; Auguste de. Viagem à província de São Paulo.1822. Tradução de TAUNAY; Afonso d'Escragnolle. 2ª Ed. São Paulo.1938.s/p.

<sup>71</sup> “A viagem do botânico Auguste de Saint-Hilaire ao Brasil foi paradigmática no que diz respeito à forma como os cientistas da Europa dita civilizada se relacionaram com o Brasil no início do século XIX. O francês veio para o Brasil em 1816, acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, que tinha por objetivo resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana. Apesar de ter conseguido fazer parte da missão graças a suas relações pessoais, Saint-Hilaire obteve a aprovação do Museu de História Natural de Paris e financiamento do Ministério do Interior. O naturalista deixou o Brasil em 1822”

Os Viajantes; In: Brasiliana. Org. MORAES, Rubens Borba de. Coleção da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.2007. p. 69. Disponível em:  
<http://bndigital.bn.br/200anos/brasiliana.html>

<sup>72</sup> Holanda; Sergio Buarque de. Monções. São Paulo.1998. p.6.



expedições fluviais paulistas que partiam de Porto Feliz [ - outrora região de ITU - ], às margens do Rio Tietê, com destino às áreas de mineração em Mato Grosso, com a finalidade de abastecê-las. As canoas levavam mantimentos, ferramentas, armas, munições, tecidos, instrumentos agrícolas e escravos negros, entre outras mercadorias para serem comercializados nos povoados, arraiais e vilas do interior. Na volta, traziam principalmente ouro e peles<sup>73</sup>.

Próximo ao porto eram construídas as embarcações com as técnicas dos indígenas, as canoas – de onde possivelmente vem o dito popular “com quantos paus se faz uma canoa”, anedota caipira por se utilizar o tronco de uma única árvore – local onde também se encontravam os mestres do estaleiro fluvial, seus operários e tripulação componente.

Itu se relaciona com dois pontos fundamentais nesse momento, primeiro por tornar-se um importante entreposto comercial, no qual todos os mantimentos e manufaturas descritas pelo autor eram cultivados e confeccionados. Conforme o historiador e museólogo Jonas Soares<sup>74</sup>, “Itu era o empório em que os que iam partir se abasteciam do que lhes era necessário – roupas, fazendas, ferramentas e outros artigos e gêneros”.

A área central do povoado passou a tomar a feição que tem até os dias de hoje, o centro com os ofícios do sagrado e do profano (comércio), ambos coexistindo nos espaços internos e externos. Daí o grande número de espaços públicos, sejam eles edificadas ou não, tais como as igrejas e as praças.

O segundo fator foi definido por uma extensa área rural onde os ciclos agrícolas

---

<sup>73</sup> Holanda; Sergio Buarque de. Expansão Paulista em Fins do Século XVI e Princípio do Século XVII. São Paulo. 1948. s/p.

<sup>74</sup> SOUZA, Jonas Soares de. Acidade da República. FPHEESP. SP.2000. p.10.



funcionam como (de)marcadores das vidas de seus habitantes, ditos Kai-Pira -- por suas formas particulares de morar, as maneiras de vestir, as formas de alimentação e o seu linguajar. Esse cotidiano vivido a partir de modos, hábito, costumes e tradições, “originário do universo doméstico e familiar dos primeiros paulistas, tendo em vista as suas relações com a organização social e econômica fundamentam as bases da cultura Caipira”<sup>75</sup>, conforme Holanda, que documentou os profundos traços culturais indígenas que constituíam a vida e a sobrevivência dos paulistas.

Outro traço ainda marcante do cotidiano caipira foi o nomadismo, herança indígena interpretada por Francisco <sup>76</sup> ao relacioná-la com o caipira, da seguinte forma:

Desse trânsito constante e obstinado dos paulistas – bandeirantes, monçoeiros e, posteriormente, tropeiros – decorre um assentamento caracterizado pela provisoriedade, nas construções ou nas formas de vida e de alimentação, marcando o nascimento de vilas e povoados [como Itu]. A sociedade paulista utilizará de roças e colheitas rápidas e menos trabalhosas, a fim de responder ao seu caráter de transição de instalação.

Assim deixando de lado os estereótipos negativos que marginalizaram o caipira desde sempre – mas que, por ora, não nos cabe desenvolver - percebemos que a essência definidora da cultura caipira como identitária está assentada nas relações secularmente construídas e elaboradas do homem com a terra, um saber simples = “capital simbólico de lugares memoráveis” <sup>77</sup>, conforme Jeudy -- interpretado hoje como Patrimônio Imaterial e trabalhado sob forma de registros por instituições competentes para assegurar sua salvaguarda, por serem definidores de identidades culturais.

<sup>75</sup> Holanda; Sergio Buarque de. Caminhos e Fronteiras. São Paulo.1957. p.59.

<sup>76</sup> FRANCISCO; Luís Roberto da Rocha de. A gente paulista e a vida caipira. In:Terra paulista:história, arte e costumes.VI.2 Modos de vida dos paulistas: identidades famílias e espaços domésticos. Org. Maria Alice Setubal. CENPEC.São Paulo.2007.p. 21-49. p.30.

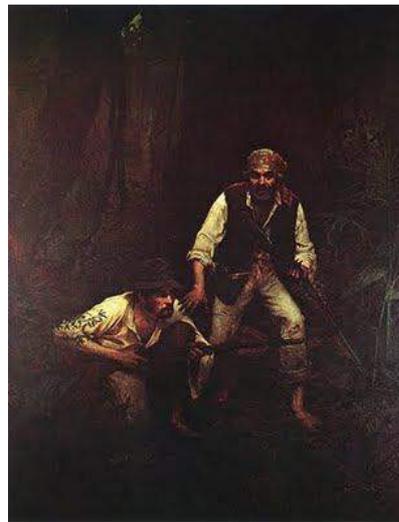
<sup>77</sup> Idem.



Assim, nesta primeira perspectiva, na qual refletimos sobre a concatenação dos modos de vida indígena(s) mesclando-se aos ibérico(s), na sobrevivência do cotidiano -- até diríamos na 'sobrexistência' – percebemos que nesse universo os espaços urbanos primeiramente nada mais são do que pontos de apoio ao espaço rural -- as roças – e, portanto, de utilidade secundária na cultura caipira. Trata-se de um mundo eminentemente rural.



F.22  
'Pescando'  
Almeida Júnior - 1894



F.23  
"Caipiras Negaceando"  
Almeida Júnior

Nele a economia se pauta na subsistência, fundamentada exclusivamente no cultivo da terra (roças = cereais; hortas = ervas, verduras e hortaliças) de colheita rápida e menos trabalhosa, e nas atividades de caça, pesca e coleta, práticas estreitamente ligadas aos ciclos naturais da cosmovisão indígena; sendo que a apreensão e transmissão de tais saberes se processavam cotidianamente onde os

mais velhos ensinavam aos jovens, como um rito de passagem.

O antropólogo Darcy Ribeiro <sup>78</sup>, acrescenta que “essa pobreza, que está na base tanto das motivações quanto dos hábitos e do caráter do paulista antigo [ituano], é que fazia deles um bando de aventureiros sempre disponível para qualquer tarefa desesperada”.



F. 24.  
Albert Eckhout (1607-1666),

Ainda segundo o mesmo autor “as plantações de milho, feijão, mandioca, inhame e abóbora [consumida tanto na forma do fruto como de brotos – cambuquira <sup>79</sup> -- nos indicam um traço de urgência calcada na necessidade de conseguir o quanto antes o alimento, não podendo esperar o desenvolvimento e amadurecimento do fruto] formaram a base da culinária paulista” <sup>80</sup>. O milho e a mandioca transformam-se em farinha socada no pilão, originando o fubá e o biju -- de fácil estocagem e transporte. A canjica grossa de uso em todas as classes sociais, além do cucuz, do angu, da

<sup>78</sup> RIBEIRO; Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo. 1998.p.81.

<sup>79</sup> Como me ensinou minha mãe Evangelina Faria Ribeiro Castilho, quando o preparou para mim.

<sup>80</sup> Holanda; S.B.1957.p.146.



pamonha, e do bolo (broa) são todos feitos de milho. As farinhas do milho e da mandioca, quando misturadas ao urucum (indígena) criam o tempero colorau.

Toda essa cultura gustativa contida nesses alimentos está sob o domínio e relacionada ao preparo das receitas preparadas para as refeições. Esse processo é aprendido e apreendido na lida da cozinha ou rancho, e fez desse Patrimônio Imaterial Gastronômico uma marca cultural presente com seus típicos aromas e sabores, e que ainda hoje são degustados em Itu. As formas de alimentação são enraizadas e fundamentais para a vida do caipira. Restou um quinhão significativo dessa culinária na zona rural da cidade, como nos contaram Nerina Siltone Pianitti e Maria Aparecida Siltone Soares, nascidas e criadas na Fazenda Floresta, em Itu, quando foram entrevistadas pela historiadora Maria Daniela Bueno de Camargo <sup>81</sup>.

[...] faziam diversos doces, bolos de mandioca e de milho, doces de mamão, abóbora, moranga, laranja, milho verde que colocavam pra secar ao sol e ficar cristalizados. Faziam também paçoca no pilão. Contam que o segredo dos alimentos preparados ficarem mais gostosos era o forno e fogão a lenha.



F 25

Fazenda Floresta - Itu.

---

<sup>81</sup> FRANCISCO. Luís Roberto da Rocha de. 2007. p.33.



Da mesma forma que os fazeres (técnicas) de um saber-fazer local, que pertencem à mesma tipologia e refletem as necessidades e adaptações ao meio, assim permanecem em Itu os traços artesanais ‘vivos’, que se materializam no que ainda se faz como as gamelas de raiz de figueira, vasilhas de purunga, potes e panelas de barro, colheres de pau – selecionadas para uso exclusivo de doce ou salgado, constrói-se monjolos, pilões de mão para fabrico de paçocas de carne seca ou de amendoim e a farinha de mandioca, tecnologia aborígene assimilada.

Ainda sob a expressão do Patrimônio Imaterial in loco de Itu, um ponto relevante a ser pensado como dado constituinte da identidade caipira é sua particularizada religiosidade, expressa através de práticas rituais e narrativas míticas oriundas tanto das crenças e credices ancestrais dos índios carijós, construídas a partir dessa cosmovisão amerindia; quanto do tradicional cristianismo ibérico. Esses são os elementos constitutivos dessa religiosidade entranhada na alma caipira, e que influenciou fundamentalmente a construção de seu perfil psicológico.

Assim, a todo esse universo mágico proveniente da visão de mundo dos ancestrais carijós associado ao fervoroso cristianismo ibérico, no caso de Itu, somaram-se elementos que, anos mais tarde, seriam desenvolvidos pelos escravos de múltiplas origens culturais, vindos traficados do continente africano como participantes da diáspora negra. Os Xamãs, Curandeiros e Pajés que dominavam os ritos e mitos vinculados ao sagrado dos indígenas transformaram-se nas rezadeiras e benzedoras, em práticas como conjuros, em invocar proteção benzendo, realizando simpatias



para curar doenças e afugentar azares. Segundo Octavio Ianni <sup>82</sup> “para os caipiras o mundo natural circundante era povoado de assombrações, lobisomens, mula-sem-cabeça, mãe d’ouro, sacis”, caiporas, pisadeiras e fenômenos praticados pelos antigos espíritos das florestas. Quase sempre essas experiências são relatadas como ‘causos’ em uma ‘prosa’; o cenário é de solidão e andança em alguma mata ou caminho noturno, e essas figuras passaram a materializar o medo. E o conforto para tais situações é proveniente dos personagens santificados pela Igreja Católica Apostólica Romana. Francisco <sup>83</sup> elabora a seguinte reflexão sobre o cristianismo como sendo:

A religião oficial do estado [...] o Deus dos cristãos é o grande juiz, a fonte de onde emana toda justiça divina e de onde é permeada a justiça dos homens. A crença na virgem Maria e dos Santos católicos junto a Deus orienta, ordena e limita sua vida. O homem do interior desenvolveu assim inúmeros sinais e práticas que aos poucos vão formando sua cultura [seu patrimônio] material e imaterial [expressando em seu comportamento cotidiano vários traços de fé, como quando não se levanta sem se benzer, não reage às pequenas coisas do dia-a-dia sem exclamações que invocam o santo protetor, [ou esconjura o coisa ruim e] não deixa o dia de São João passar sem plantar um ramo de alecrim. Mas o grande orientador da vida [...] é o Divino Espírito Santo, sua festa tem importância singular, pois é o momento de agradecer a Deus pela colheita e pedir luz para quem vive na escuridão e na incerteza do desconhecido.

No campo, longe da cidade, padre não se via. Armavam em casa um altar interno da mesma maneira como os Fernandes, fundadores que veneravam em casa seus santos de devoção ou a bandeira do Divino, funcionando como um amuleto de proteção da casa.

A conversa era direta com as divindades, o que configurou um traço de

---

<sup>82</sup> IANNI, OCTAVIO. Uma Cidade Antiga. UNICAMP. Campinas. 1988. p.65.

<sup>83</sup> FRANCISCO; Luís Roberto da Rocha de. A gente paulista e a vida caipira. In: Terra paulista: história, arte e costumes. VI.2 Modos de vida dos paulistas: identidades famílias e espaços domésticos. Org. Maria Alice Setubal. CENPEC. São Paulo. 2007. p.33.



proximidade e intimidade próprias no tratamento com o sagrado onde Deus é o ‘Senhor’, a Virgem tida como ‘Nossa Senhora’ e o ‘menino Jesus’, além dos ‘meu santinhos e minha santinhas’, pequenas imagens impressas carregadas junto ao corpo, atuando como amuletos de proteção ao modo dos patuás, e as ‘simpatias’, como virar Santo Antonio de cabeça para baixo e/ou tirar-lhe o ‘Menino Jesus’.

No calendário, os santos juninos têm destaque. Momento de reunião e celebração de temas sacros sob formas profanas, uma fé híbrida como interpretada e vivida pelo mesmo especialista ituano e cristão Francisco <sup>84</sup>, da seguinte maneira:

A fé da gente caipira [inclusive os Ituanos] ficou assim, meio cristã e meio indígena. As forças da natureza foram substituídas pelas instituições cristãs [já] não basta rezar e cantar como na Europa. É preciso dançar, como faziam os da terra, se o missionário não permite danças na igreja, eles vão para fora e as transformam em folia, misturando-as à procissão. [...] Na noite de São João ergue-se o mastro, dança-se em torno da fogueira, num ritual tão antigo que se perde no tempo. [inventaram] um jeito de ser que motivou a própria existência diante das dificuldades do cotidiano. Criou uma organização social baseada em temporalidade cíclica, que respeita os momentos eleitos de grande significado e expressão cultural e religiosa.

Dessa forma, as festas e a religiosidade também representam esse emaranhado patrimonial que envolve a cidade como cenário das práticas de celebração, tanto dentro como fora das igrejas; dado interpretado pelo arquiteto Walter Toscano<sup>85</sup> quando, ao estudar a evolução do centro urbano da cidade, percebe que seu traçado se manteve original no perímetro do centro.

[...] o traçado inicial da vila é indicado pela transferência da Matriz provisória até 1669, quando se inaugura a nova igreja do mesmo nome – aproximadamente no local da atual matriz. O lote de colonos abastados, ou seja, proprietários das maiores áreas [...] alinham-se ao

---

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> TOSCANO, João Walter. ITU/Centro Histórico. FAU/ USP. São Paulo.1981.p.5.



pátio central da vila configurando o eixo de ligação entre os dois pátios: o da antiga capela, hoje Bom Jesus e o pátio central, Matriz.

Do Patrimônio Arquitetônico ilustrativo desse momento ainda, segundo o arquiteto e artista Carlos Lemos <sup>86</sup>, também membro do ICOMOS:

[...] restaram-nos as técnicas construtivas que somam a tradição ibérica na construção com uso de argila<sup>87</sup>. nomeada como Adobe ou Taipa de pilão (para as paredes externas, porque sendo mais espessas geram isolamento térmico e cria um clima mais ameno em seu interior) — conjuntamente com as tramas indígenas elaboradas para as paredes internas (menos espessas para ganho de espaço) feitas com gravetos e cipós e preenchidas também com argila nomeada de taipa e a cobertura que utilizava as tramas de palha.

Essas foram as técnicas construtivas que permaneceram durante os séculos XVII, XVIII e meados do XIX, e nortearam a edificação de toda a cidade, seja na área urbana ou rural.

---

<sup>86</sup> LEMOS, Carlos. São Paulo, Sua Arquitetura: colônia e império. São Paulo. 1974. p.26.

<sup>87</sup> A argila é material abundante na região tendo sido largamente utilizado nos séculos XVIII e XIX no fabrico do telhado, as telhas coxa eram confeccionadas na coxa dos escravos para cobertura do telhado – de onde possivelmente deriva a expressão “feito nas coxas” como sinônimo de algo desleixado - nos séculos XX e XXI configurou um ciclo ceramista pautado na fabricação telhas e tijolos que compõe parte ativa da economia da cidade até os dias de hoje.



F.26  
O Derubador Brasileiro, 1897  
Almeida Junior



F 27  
Amolação Interrompida, 1894  
Almeida Júnior-

Esse cenário é descrito nos relatos de Jonh Mawe <sup>88</sup>, viajante que esteve em São Paulo e arredores em 1808: “as casas dos lavradores são miseráveis choupanas de um andar, o chão não é pavimentado nem assoalhado [de terra batida], os compartimentos são formados de vigas trançadas, emplastadas de barro e nunca regularmente construídas”.

Casebres e casarios que de mobília quase nada tinham, uma arca ou baú; para dormir, redes ou sacos que cobriam um amontoado de palha,;quase nenhuma cadeira; às vezes alguns bancos. As pessoas se acomodavam no chão de cócoras, para comer, prosear e descansar. A cozinha era um rancho com fogão de lenha. O vestuário se resumia a calças, camisas ou vestidos de algodão cru sem qualquer decoração, os pés

---

<sup>88</sup> MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro. 1944. p.84.

descalços para dia a dia, e uma troca de roupa especial, para momentos também especiais, com algum calçado.



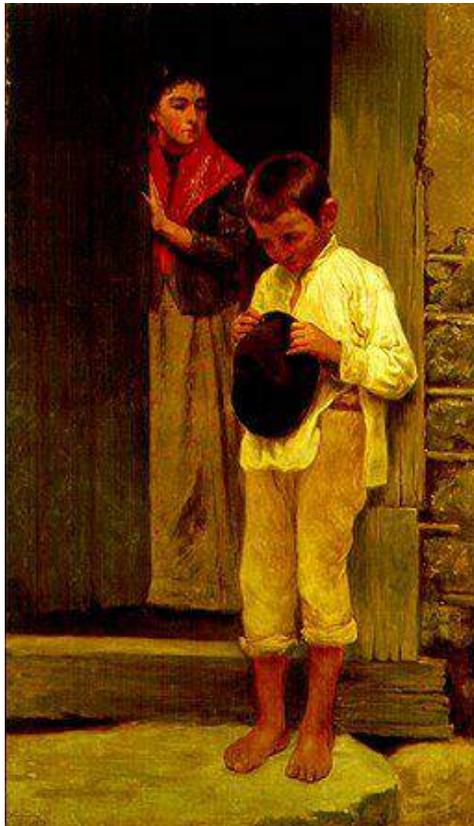
F.28  
Apertando Lombinho  
Almeida Júnior



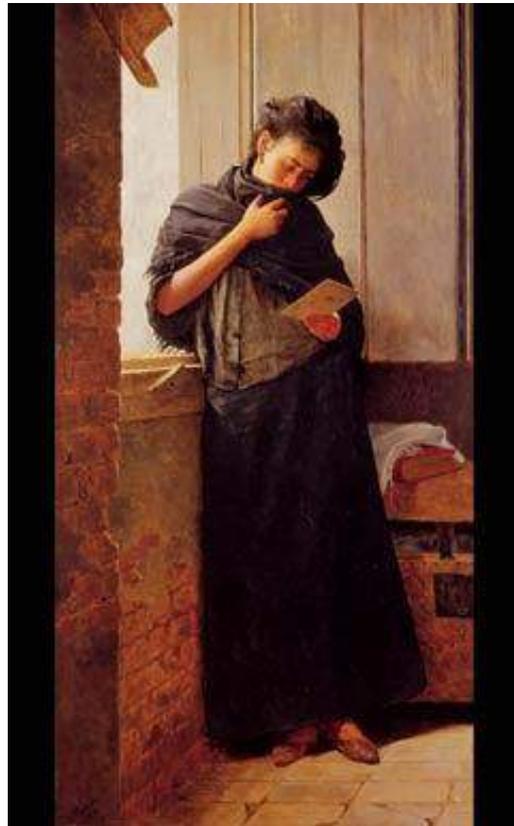
F.29.  
Paisagem fluvial - 1899  
Almeida Júnior

Com a taipa e a taipa de pilão edificou-se a primeira capela em 1610, e com os caminhos líquidos Itu prosperou e configurou sua feição como um entreposto comercial onde viajantes se abasteciam de mantimentos, instrumentos e provisões para suas viagens. Deste modo, definiu-se no espaço o traçado de um núcleo urbano que tanto manufaturava produtos como também funcionava como ponto de apoio para o comércio dos produtos rurais, estabelecendo uma dinâmica de tempo própria do lugar.

O centro vazio durante a semana, com suas poucas casas; as áreas rurais próximas, onde se plantava e cultivava a subsistência e algum excedente para o comércio do domingo; a missa dominical na Capela, o principal edifício onde tinham lugar os ritos de toda a vida, do batismo ao enterro -- no primeiro caso, no interior da edificação; no segundo caso, no interior ou mesmo em local próximo à capela.



F.34  
Recado Dificil  
Almeida Júnior



F.35  
Saudade  
Almeida Júnior

Traçou-se então um quadro de vida onde se produzia o necessário para sobreviver. O tempo livre era tomado pela cultura, que configura grande parte do que se interpreta como Patrimônio Imaterial, tendo-se como exemplo: a ‘moda de viola’ -- instrumento que ganhou uma corda a mais na viola caipira; a prosa impregnada de causos e mistérios; o ritual de confecção do cigarro de palha; treinamento dos toques de pio para caça; a pescaria; as rezas; ladainhas; simpatias e as músicas narrativas; as sertanejas. É incomensurável tentarmos definir qual das culturas prevaleceu. Segundo



Antônio Candido: “mameluca é a gente e caipira a sua cultura”<sup>89</sup>, esses são os contornos Imateriais que se revelam como Patrimônio, e ora trabalhados pelos Museus que existem em Itu.



F.36  
Cozinha Caipira  
Almeida Júnior



F.37  
Passeio  
Almeida Júnior

Os movimentos humanos descritos no início deste capítulo iniciaram um processo de ocupação do litoral paulista rumo ao interior do continente, primeiramente com as Entradas, e posteriormente com o momento do Bandeirantismo, que se esgotou como atividade econômica. Podemos perceber certa estabilidade em Itu, fruto das relações tanto do cultivo de subsistência quanto do comércio como entreposto junto a seu porto de águas doces. Pelo centro de Itu passaram bandeirantes, monçoeiros e humanistas -- homens que partiam nos caminhos líquidos -- e os

---

<sup>89</sup> CÂNDIDO; Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. 8ªed.São Paulo.1998.p.82.apud. FRANCISCO; Luís Roberto da Rocha de. A gente paulista e a vida caipira. In:Terra paulista:história, arte e costumes.VI.2 Modos de vida dos paulistas: identidades famílias e espaços domésticos. Org. Maria Alice Setubal. CENPEC.São Paulo.2007



tropeiros que chegavam pelas estradas de chão, vindos do sul. Ocupando o vasto território interior do continente por caminhos de terras (florestas) e águas (rios), os caipiras dissiparam a cultura paulista, tratada academicamente por Francisco<sup>90</sup> como “Paulistânia”, sobretudo “nas localidades do Ciclos da Mineração [...] como em Minas Gerais (1698), Mato Grosso (1719) e Goiás (1725)”, conforme Holanda<sup>91</sup>, traçando um perfil psicológico peculiar construído de acordo com os modos do viver, definindo uma tradição.

“Entre 1720 e 1760 foi o período de descoberta do ouro em Cuiabá e Goiás. Pelo Tietê embarcavam e desembarcavam frotas de comércio e gentes. Em 1765 a Vila de Itu já possuía mais de 100 casas” e, de acordo com Trindade<sup>92</sup>, a concentração de riqueza estava mais na mão dos comerciantes do que na dos fazendeiros, tendo tal fato levado à criação de mais uma rua na Vila.

Nos testamentos e inventários guardados no Arquivo Central da Comarca é possível acompanhar o movimento de muitos Ituanos ilustres voltando de Cuiabá e investindo as riquezas acumuladas em terras, escravos e engenhos. Ainda segundo Francisco<sup>93</sup> se inicia um grande movimento de acomodação do poder político. Em 1778, estabeleceu-se na cidade o engenho de açúcar de Antônio Barros Penteado, um dos maiores proprietários de terras da região, e pai dos Barões de Itu e de Piracicaba. Um ano depois, em 1779, é nomeado Capitão-mor de Itu Vicente da Costa Tanques Góes e Aranha, que permaneceu no cargo até sua morte, em 1825. Essa época foi

---

<sup>90</sup> Iden.p.30.

<sup>91</sup> Holanda; S.B.1957.p.62.

<sup>92</sup> TRINDADE, Jaelson Bitran. Breve Histórico de Itu. imprensa municipal de Itu. São Paulo. 1980.s/p

<sup>93</sup> FRANCISCO; L. R.da R. de. 2007. p.16.



marcada por sua severa autoridade, marcando os primeiros passos rumo à futura Convenção Republicana que ocorreu na cidade em 1873, como veremos mais à frente.

A área rural passa a se configurar com a fundação dos engenhos dos quais nos restaram as casas sede -- caracterizadas pelo que se denominou de arquitetura bandeirista -- e as senzalas. Essa configuração está presente nas ainda hoje remanescentes fazendas de Itu, todas edificadas em meados do século XVIII, como a Chácara do Rosário, a Fazenda Capoava, Fazenda Piray, Fazenda Nossa Senhora da Conceição. Toda a região forma um conjunto que documenta, tanto materialmente como imaterialmente, inúmeros aspectos que narram o período correspondente ao ciclo econômico do açúcar. No século XIX, esses mesmos complexos -- casa grande, senzala, capela, engenho, área de cultivo -- foram adaptados para o funcionamento durante o ciclo econômico do café e, preservadas e habitadas até a atualidade, foram requalificadas e adequadas, a partir do final do século XX, para o turismo rural. Algumas hoje funcionam como hotel-fazenda, outras são destinadas ao turismo cultural, mas todas pertencem a proprietários privados que conservam tenazmente esse patrimônio que testemunha a fundamental relação entre o indivíduo e o campo, que é fator constituinte da cultura caipira.





F.39  
Fazenda Capoava

F.40  
Chácara do Rosário

Nos dias atuais podemos apontar relações ente o rural da cidade com iniciativas ligadas ao patrimônio e ao museu, pois tanto a Fazenda Capoava como a Chácara do Rosário foram pioneiras no turismo rural voltado para os valores caipiras – a primeira funcionando como hotel-fazenda e a segunda servindo de residência, onde também são organizados passeios guiados para visitantes, promovem-se eventos junto ao Museu da Música de Itu, com saraus que preenchem o ambiente com músicas compostas em Itu e região. Ambas as propriedades possuem pequenas coleções que são apresentadas em um espaço especialmente destinado, nos moldes de um museu, com pequenas exposições sobre o cotidiano dessas duas células culturais nesse período, embora nenhuma propriedade da área rural seja oficialmente tombada como patrimônio ou reconhecida como museu.



F.41  
Santa Casa de Misericórdia de Itu (1847)  
Miguelzinho Dutra



F.42  
Colégio de Itu  
Miguelzinho Dutra



F.43

**Porta da Capela do Jazigo - Igreja do Carmo (1841)**  
Miguelzinho Dutra



F.44

**Festa do Divino**  
Miguelzinho Dutra

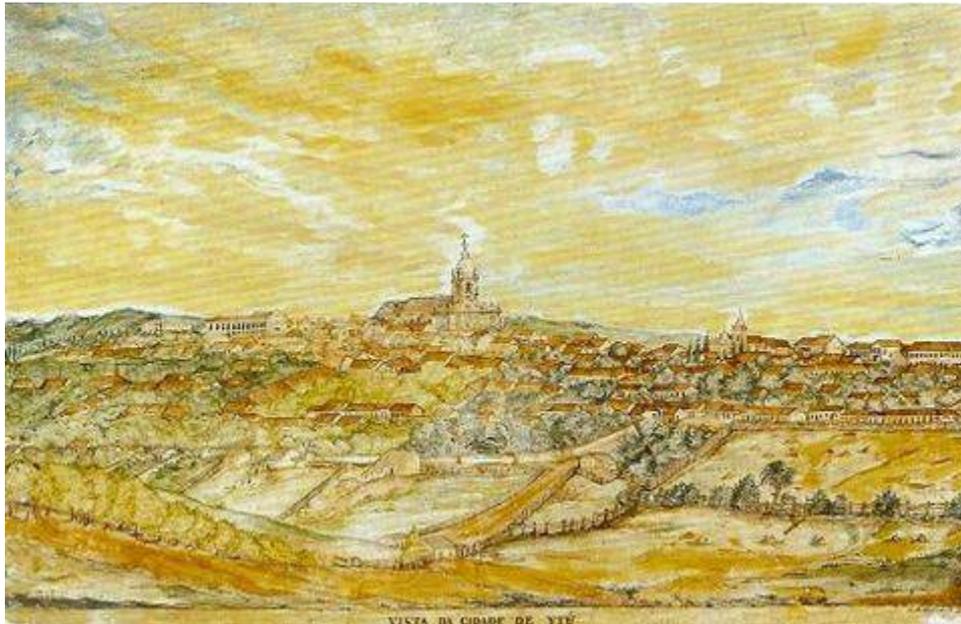
Porém cabe ressaltar que, embora o centro histórico tenha sido amplamente descaracterizado com demolições e construções abusivas e poluição visual, a área rural permanece preservada e viva no que diz respeito ao patrimônio edificado e à tradição local, mas não recebeu ainda o tratamento técnico pleno<sup>94</sup> da Musealização e da Patrimonialização, com roteiros ou narrativas que interliguem todo esse universo rural ao centro histórico da cidade.

Voltando novamente nossa atenção para as transformações que fizeram o centro urbano tomar um novo impulso no século XVIII, movimentando as praças e arredores ressaltamos o fato de que a cidade de Itu passou, na época, a receber os rebanhos de mulares do sul, então negociados pelos tropeiros na vizinha cidade de

---

<sup>94</sup> Neste caso porque a Fazenda Capoava trabalhou junto ao Museu Republicano, ao ItaúCultural e ao CENPEC, elaborando e publicando material documental sobre a propriedade, além de ter criado um espaço cultural integrado as dependências do hotel, com área de leitura onde inclui uma biblioteca, uma coleção de CDs de música brasileira, além de uma exposição sobre a cultura caipira que foi elaborada em parceria com o curso de pós graduação do MAE/USP de Especialização em Museologia, no início do ano 2000.

## Sorocaba.



F.45  
Vista de Itu  
Miguelzinho Dutra

A feição básica da cidade já estava determinada por um eixo de comunicação entre os largos da primitiva capela -- ponto de fundação da cidade e que se transformou na Igreja do Bom Jesus (1765) -- e da nova Matriz (1669); conectadas a partir de seus extremos com a chegada das ordens religiosas. A Igreja Matriz foi posteriormente ligada à dos Carmelitas (1777), gerando uma rua; e a Igreja do Bom Jesus, da mesma forma, ligada à dos Franciscanos (1691). Esse traçado comportou ainda, próximo à Matriz, a Capela de Santa Ria (1728), gerando mais uma rua paralela ao eixo inicial.

Foi nas últimas três décadas do século XVIII que se deu de fato a monocultura do açúcar como produto de exportação, conferindo poder econômico aos ituanos que



plasmaram junto à sua cultura caipira, já estabelecida, os valores culturais dos grupos negros traficados como escravos e, com o dinheiro ganho e a informação que circulava pelo movimento comercial, remodelaram seu estilo de vida: eram agora caipiras abastados, incorporando ao seu cotidiano hábitos tipicamente europeus. O poder econômico do açúcar configurou materialmente nosso maior lastro artístico edificado junto às igrejas – como expressão simbiótica do Patrimônio sob as denominações tanto material como imaterial – testemunhando um entrelace agora entre o urbano e o rural. As igrejas passaram a funcionar e congregar todas as formas de arte – representam os primeiros centros culturais, ou seja, os palcos onde se reuniam os fiéis para celebrarem seus cultos e onde as ordens religiosas passaram a educar a nobreza da terra.

Todos os templos foram ampliados e reformados, um a um: Capela de Santa Rita (1728); Nova Matriz (1780); Convento do Carmo (1777); Convento Franciscano (1794); Bom Jesus (1795); e do mesmo período constam também os templos devotados a Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora do Patrocínio e Nossa Senhora do Rosário, que nem chegou a ser construída, tornando-se um dos altares laterais da nova matriz. De acordo com as pesquisas de Pietro Bardi<sup>95</sup> (fundador, curador e diretor do Museu de Arte de São Paulo) vinculadas aos estudos do MASP sobre Arte Brasileira, atuavam também artistas que trabalharam nesse momento na decoração das igrejas de Itu

Quem dá vida à localidade são os artesãos, desenvolvendo o artesanato exercitado por carpinteiros, ferreiros e sapateiros, latoeiros fiandeiras esses ocupam 119 casas. Os comerciantes interessados na venda de tecidos, colchas e cobertores para outras regiões promovem o cultivo de algodão, a produção caseira de tecido, também neste momento os primeiros nomes que tomaram a distinção de artistas, entre eles o ourives Thomas da Silva Dutra, natural de Pouso Alegre, o popular Thomas ourives, vem de Lorena para a cidade [de Itu]

---

<sup>95</sup> BARDI, Pietro Maria. Miguelzinho Dutra. MASP. São Paulo.1972.p.16.



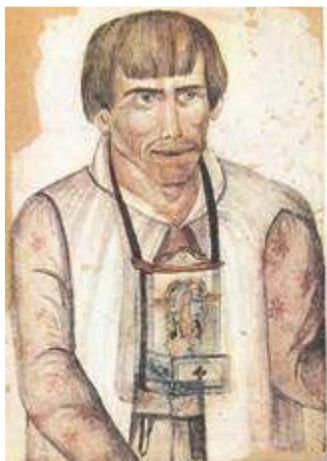
F.46

Pe. Elias de Monte Carelo (s/d) □ Aquarela sobre papel,  
19 x 14,5 cm



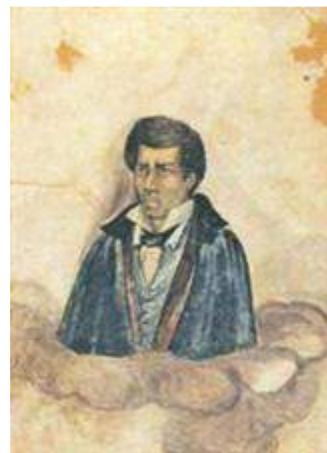
F.47

Cap. Vicente da Costa Taques Góes e Aranha (s/d).  
Aquarela sobre papel, 16 x 10,5 cm



F.48

Pedinchão (s/d)  
Aquarela sobre papel, 20 x 14 cm



F.49

Thomaz da Silva Dutra  
(pai de Miguelzinho)

Como ponto relevante da dinâmica conjugada entre Museu e Patrimônio, cabe relatar que várias irmandades foram criadas e se organizaram junto às ordens religiosas. Citamos como exemplo a fundação da ordem de São Benedito dos Homens Negros em 1710, que se deu junto ao complexo de edificações pertencente aos frades



Franciscanos. Estes detinham a propriedade de duas igrejas, a de São Francisco de Assis e a de São Luís Tolosa (onde se cultuava também São Benedito). A ordem de São Benedito dos Homens Negros estava vinculada aos cultos dos escravos trazidos da África e que, naquele momento, viam sua cultura, exteriorizada por ritos tradicionais, mesclando-se a esse novo universo abastado caipira. Esse complexo Franciscano era composto por igrejas, colégio e capelas, com pátio calçado com lajes de varvito, além de um grande Cruzeiro em pedra trabalhada em cantaria, localizado no centro deste largo onde,

segundo a tradição oral, eram realizados batuques de roda. Infelizmente esse conjunto foi totalmente destruído em 1907, em um grande incêndio, extinguindo as atividades Franciscanas na cidade. Resta-nos hoje, no local original, apenas o Cruzeiro em cantaria, restaurado e tombado pelo CONDEPHAAT, e as imaginárias de altar e de procissão, que foram salvas. Parte dessas peças compõe a coleção atualmente reunida no museu e no templo da Igreja de São Benedito -- outra parte encontra-se dispersa em coleções de outras igrejas e também de particulares. A Igreja de São Benedito é a sede da Irmandade de São Benedito, e foi edificada pela ordem em 1910 no perímetro do centro histórico. Nela acontecem, ainda hoje, as missas afro com oferendas e danças tradicionais no interior do templo, que é considerado de importância ímpar para os afrodescendentes ituanos, sobretudo aqueles pertencentes às comunidades rurais quilombolas de toda a região.



F.50  
Largo S. Francisco e Cruzeiro de Itu (1854).



F.51  
Praça Don. Pedro I. séc.21.



F.52  
Conjunto de Imagens do Convento Franciscano  
Hoje na Igreja de São Benedito



F.53  
Igreja de São Benedito

Seria impossível relatar de forma detalhada todos os processos de salvaguarda empreendidos pela ação da patrimonialização e musealização, os quais envolvem, no caso dos elementos arquitetônicos, cerca de 250, número correspondente apenas àqueles limitados à área urbana central. Em vista disto, arrolamos exemplos das principais iniciativas voltadas à formalização do que se entende como representações culturais de Patrimônio e de Museu na cidade de Itu, sob forma cronológica.

É certo que inúmeros artistas de todas as classes e tipologias contribuíram neste imenso mosaico de referências na História da Arte do Barroco e Rococó paulistas.



Algumas dessas referências estão elencadas na obra de Mário de Andrade<sup>96</sup> que lá esteve e, de modo pioneiro, pesquisou a vida dos artistas ituanos, realizando minucioso levantamento, o qual teve como resultado final viabilizar quase imediatamente as ações de salvaguarda, que contemplaram o tombamento das igrejas e coleções de arte. Um ano após ter sido criado, o SPHAN já havia sido tombado a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária e a Coleção de pinturas dos ‘Dozes Santos Carmelitas Descalços e Calçados’, pintados pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo e pertencentes, hoje, à Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

Os anos 1960, como já vimos, foram marcados pela fundação do ICOMOS, que teve repercussões no Brasil, sobretudo em áreas históricas como Itu, que elaborava então seu primeiro Plano Diretor -- por exigência e cobrança do Governo Estadual. Esse processo era requisito para a realização de futuros planos para salvaguarda e utilização das áreas de interesse do Governo de São Paulo para seu Plano de Desenvolvimento Cultural. O PD de Itu foi comentado por Toscano<sup>97</sup>:

em 1966/1968 estivemos em equipe com o arquiteto Julio Roberto Katinsky, e o economista Octaviano Constantino Ianni, do plano para a cidade de Itu. O plano foi feito embora tenha encontrado dificuldades e mesmo impossibilidades para a implantação [...] A especulação do território desencadeada pela iniciativa privada sustou quase que por completo quase por completo toda a ação de caráter de preservação e de revitalização da cidade, a despeito dos valores que nela residiam e ainda residem. Por falta de uma ação correta ao nível de envolvimento da população e de conscientização da mesma, por falta também de legislação adequada e de estruturas compatíveis com um programa a ser desenvolvido, pouco se fez.

---

<sup>96</sup> ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. São Paulo. 1963.

<sup>97</sup> TOSCANO, João Walter. ITU/Centro Histórico. FAU/ USP. São Paulo. 1981. p.5.



Esse foi um momento conturbado nas esferas de discussão e poder, porque o Município planejou à revelia a abertura de uma rua que integraria o antigo eixo histórico. Entretanto, o projeto previa a destruição do cemitério da Igreja do Carmo, bem como de parte do complexo de edifícios e pátios tombados pelo IPHAN e que representava o principal documento urbano das formas de ocupação do centro da cidade. Na abertura da rua, localizada na região de Vila Nova, foi demolido o Jazigo do Carmo – obra de arquitetura, talha e pintura de Miguelzinho Dutra. Porém, quando já iniciadas as exumações, o IPHAN tardiamente embargou a obra. Essa violação ficou impune, porém esse episódio sensibilizou tanto a população paulista quanto os intelectuais para a emergência das questões de preservação patrimonial. Essa discussão acelerou os planos estaduais para a criação de um organismo de proteção e salvaguarda vinculado ao Estado de São Paulo. Assim, em 1973 foi criado o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, e elaborada uma legislação adequada. Itu foi à primeira contemplada, embora representasse bastante trabalho para o Estado, com a finalidade de viabilizar os aspectos de preservação e processar a Patrimonialização via legislação específica pelo ato de tombamento legal. Foi necessário formar uma equipe técnica altamente qualificada e múltipla, o que era raro e custoso naquela época. Para tanto foi contratada uma equipe externa para elaborar um trabalho prévio que sustentaria os tombamentos e realizaria os diagnósticos, a fim de gerar formas documentais para orquestração da salvaguarda em documentos legais, por intermédio de plantas, escrituras, históricos, iconografia, dentre outros. Os profissionais foram os mesmos do



Plano Diretor e, assim descreve novamente Toscano “coube a nós, por solicitação do CONDEPHAAT, organizar uma equipe de técnicos, sociólogos, economistas, etc., para a realização desse diagnóstico. O trabalho foi feito e, embora não esteja ainda publicado, está arquivado no CONDEPHAAT e na Prefeitura Municipal de Itu”<sup>98</sup>.

Em continuidade a esse processo, a cidade, em vista do complexo e variado conjunto de referências culturais, foi inserida pelo Governo do Estado, em 1979 -- através do Plano Turístico de São Paulo -- na classe de Estância Turística. A sua condição de primazia perante outras localidades fez com que Itu tenha sido a primeira cidade a receber o título e a ter inserção nos trabalhos do Plano.

No ano seguinte, em 1980, formalizou-se em Itu uma exposição de painéis fotográficos distribuídos ao longo do traçado do eixo histórico na forma de cavaletes com imagens fotográficas ampliadas, referentes aos mesmos locais em tempos anteriores – essa exposição ao longo das principais ruas do centro histórico da cidade demarca o primeiro tratamento de musealização da paisagem vinculada ao patrimônio em escala municipal: Museu de Rua.

Tradicionalmente e segundo documentos, teria existido em Itu, ainda na segunda metade do século XIX, um Museu aos moldes dos gabinetes de curiosidades renascentistas. O que se aponta é que o tal espaço foi elaborado pelo artista e aquarelista da região Miguelzinho Dutra – esse artista que trabalhou como pintor, entalhador, músico e arquiteto “teria em Itu organizado um museu”<sup>99</sup>, na verdade uma coleção de curiosidades reunidas em um espaço de exibição. Esse dado,

---

<sup>98</sup> Iden.

<sup>99</sup> Ibidem.



conjuntamente com um texto de um anônimo ‘G’, publicado na imprensa local em 1906 (reproduzido no início do nosso tópico 4.1), fazendo uma crítica aos museus clássicos, foi apresentado sob a forma de reflexão de Amaral, como se segue:

Assim não deixa de ser sintomático que exatamente em Itu se realize neste momento [1980] a primeira manifestação do ‘Museu de Rua’ fora da capital do Estado, Isso é ainda mais significativo quando se atribui a um artista ituano, Miguel Benício de Assunção Dutra a formação do primeiro museu da província de São Paulo, o seu museu particular, nos moldes do museu-depósito, reunindo objetos de valor, como imagens, artefatos indígenas, etc. em meados do século passado <sup>100</sup>

O projeto do Museu de Rua de Itu citado por Aracy Amaral aconteceu dentro de um projeto elaborado na Capital e replicado em Itu. Foi implantado por Julio Abe Wakahara<sup>101</sup> e equipe em Itu, e definido pela própria equipe da seguinte forma:

O “museu de Rua” é uma forma de exposição realizada ao ar livre, em logradouros públicos. Procura mostrar a evolução dos espaços urbanos comparando-os com suas imagens fotográficas antigas. O Museu de Rua de Itu utiliza-se de fotografias e desenhos recolhidos junto a própria população e instituições públicas [entre elas o Museu Republicano] de Itu, de 1973 a 1979, durante a realização de vários trabalhos desenvolvidos pelo CONDEPHAAT.

As imagens antigas foram relacionadas a seus atuais [1980] espaços, sempre que foi possível, foram também, apresentados textos históricos, acompanhando as imagens e ligando o desenvolvimento físico da cidade às várias fases econômicas, políticas e culturais, por que passou Itu, nos seus quase 400 anos de existência.

O projeto serviu-se também dos trabalhos elaborados pelo arquiteto já citado Walter Toscano, que elaborou nos anos 1974 -1977 o primeiro Plano Diretor que visava

---

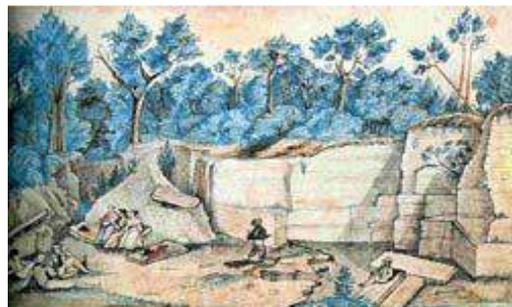
<sup>100</sup> AMARAL, Aracy. Museu de Rua: O homem observando seu espaço. Imprensa Oficial do Município de Itu. 1980. p.86.

<sup>101</sup> WAKAHARA, Julio Abe. Museu de Rua: Objetivos da exposição. Imprensa Oficial do Município de Itu. 1980. p.21.



a delimitar a área urbana sob a salvaguarda do CONDEPHAAT (1973), com tombamento de toda área do centro histórico. Infelizmente esse processo demorou décadas, tendo sido contemplado o tombamento de toda área central da cidade somente em 2004, com perdas vinculadas às questões da especulação imobiliária, incêndios e demolições de caráter irreversível; sendo que grande parte do casario histórico urbano foi comprometido, implicando na destruição dos imponentes sobrados do período da café, que foram destruídos. Esta exposição nomeada de Museu de Rua, elaborada com painéis de tipo cavalete - como os inaugurados por Lina Bo Bardi em 1968 na exposição do MASP - saldavam certa nostalgia dos que viveram essa descaracterização considerável da cidade, que era chamada pelos paulistanos de 'Ouro Preto Paulista'. Os painéis expostos a intempéries não receberam manutenção, ficando em estado de deterioração na gestão seguinte. O município não se importou em preservar a exposição, que foi pouco a pouco desmontada, extinguindo silenciosamente o Museu, que representou o primeiro recurso comunicacional visual e gráfico de relevantes resultados.

Em 1990 foi retomada a relação entre a cidade e seu patrimônio, com novas iniciativas de musealização a céu aberto. Próximo ao centro, e por iniciativa de Geraldo Garcia, político e secretário municipal, foi inaugurado em 1995 o Parque do Varvito.



F.54  
Parque do Varvito



F.56  
Pedreira do Varvito  
Foto 1938

F.55  
Pedreira  
Miguelzinho Dutra



F.57  
Parque do Varvito  
Foto 2010

O parque foi instalado sobre o espaço da pedreira. Esta formação geológica se relaciona com a cidade desde o século XVIII, pois forneceu as lajes para calçamento das ruas e becos, praças e largos, e foi material do piso, soleira e frontispício das igrejas e casas, outrora descritos como ardósia pelos inúmeros viajantes que passaram por Itu. Além de ser um espaço de lazer e recreação, como documentado na aquarela de Miguelzinho Dutra “A Pedreira”, datada de 1845. Com o advento da estrada de ferro, as pedras em formato de placas, conhecidas como “lajes de Itu”, começaram a ser comercializadas e transportadas por meio de carroças e trem.

O reconhecimento das formações rochosas segundo a características de Varvito se deu em 1938, por “Othon H. Leonardos, geólogo do Serviço de Fomento da Produção Mineral do Brasil”<sup>102</sup>, atual Departamento Nacional de Procedimentos Minerais – DNPM. Ele considerou a pedreira do Varvito de grande importância nacional, dando projeção à formação rochosa como documento e campo de pesquisa

---

<sup>102</sup> QUICOLI, Fabiano. Parque do Varvito: uma viagem a história da terra in: Roteiros Históricos a pé próximos a São Paulo. 2008. p. 52-53.



para a Geologia, a Paleontologia e para a Climatologia, atraindo diversos pesquisadores a Itu. O termo deriva da palavra varve, de origem sueca, utilizada para denominar depósitos sedimentares. Por seu relevante valor de excepcionalidade, a pedreira foi tombada como Patrimônio Natural em 1974 pelo CONDEPHAAT, e musealizada no contexto dos estudos do geólogo e professor Rocha Campos em parceria com a Universidade de São Paulo - USP. O valor de excepcionalidade da rocha está comprovado também no Museu Cosmocaixa de Geologia de Barcelona que teve permissão para extrair uma lâmina (corte estratigráfico) para incluí-la em sua coleção.

O Parque do Varvito integra lazer e preservação geológica, além de oferecer ao visitante uma exposição, visita à gruta, ao bosque, ao lago, à cascata e a um anfiteatro ao ar livre onde ocorrem apresentações culturais durante o Festival de Artes de Itu. Sendo exemplo de tratamento no qual as ações de salvaguarda e preservação se processam, primeiro pela patrimonialização da pedreira, e posteriormente na adequação e uso sustentável do local, transformando o lugar em um Parque e qualificando-o para novos usos e significados à população, sob o aspecto da musealização.

Cabe que destaquemos aqui também a inauguração do Museu da Energia – Núcleo Itu de 1999. Esse Museu foi produto da atitude pioneira no Brasil da Secretaria de Estado de Energia de São Paulo que criou, em 1996/97, dois grupos de trabalho que tiveram por finalidade a constituição de uma fundação de direito privado, com acervo recebido como doação das empresas energéticas: Eletropaulo Metropolitana



Eletricidade de São Paulo S.A; Bandeirante Energia S.a; Companhia de Gás de São Paulo - Congás; Companhia Energética de São Paulo – Cesp; Elektro Eletricidade e Serviços S.A; Duke Energy Geração Paranapanema S.A; Companhia de Geração de Energia Elétrica Tietê e Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista.



F.58  
Museu da Energia Núcleo Itu



F.59  
Sala Dourada – interior do Museu da Energia Núcleo Itu.

Assim “criada, em 1998, a Fundação Patrimônio Histórico da Energia do Estado de São Paulo a partir de patrimônio de natureza diversa: documentação arquivística, bibliográfica, objetos museológicos e edificações tombadas”<sup>103</sup>. Dessa forma, Itu mais uma vez esteve em primazia nos planos dessa fundação que, no ano seguinte à sua criação, inaugurou o Museu da Energia – Núcleo Itu, instalado em um sobrado tombado pelo CONDEPHAAT, exemplar típico do período do café, edificado em taipa-de-pilão e pau-a-pique e com fachada recoberta de azulejos portugueses.

<sup>103</sup> FERRAZ, Maria Vera Barros. História e Energia. In: História, Energia e Cotidiano. Museu da Energia – Núcleo Itu. FPHEESP. São Paulo. 1999. s/p.



O elenco das produções culturais em Itu é derivado das relações concretas e das abstratas que foram criadas pelo homem no seu território de ocupação, definindo-se física e simbolicamente. Oferecemos como exemplo os meios operacionais utilizados, como as técnicas e os instrumentos geradores dos produtos materiais, e também através das manifestações culturais, suas apresentações (códigos e simbolizações) aplicados aos diversos modos de interpretação da realidade, refletindo um conjunto patrimonial das passagens de vida dos homens na cidade e incluindo quantidade apreciável de exemplares e variedades tipológicas, a seguir indicadas:

-- 1-- sítio geológico e paleontológico. Parque do Varvito. Conjunto de rochas evidenciando a idade glacial, 280 milhões de anos: Lago jurássico, Lago dos Fósseis, Vereda dos Seixos, Trilha de Bentônicos, e outros pontos visitáveis.

Tombado pelo CONDEEPHAT em 1974 e musealizado nos anos 90<sup>104</sup> pela Municipalidade, a musealização deste Parque de conteúdo original é um dado relevante.

-- 2 -- arquitetura urbana e rural de diversas funções e apresentadas nos modelos, como nos exemplos a seguir :

- 2.1. Religiosa - Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária – fundada em 1699 e novamente edificada em 1780. Talhas, altares, imaginária e pinturas de José Patrício da Silva Manso (mineiro) e de Frei Jesuíno do Monte Carmelo (santista), século XVIII. Fachada de Ramos de Azevedo e pinturas de Lavínia Cereda (14 painéis) e Almeida Junior (3 telas), século XIX. Tombamento, IPHAN, 1938, e CONDEPHAAT, 1987;

---

<sup>104</sup> GUIA ITU. Parque do Varvito. Projeto Municípios Digitais . disponível em: <http://www.itu.com.br/hotsite/default.asp?id=65>. Acesso em : junho de 2011.



- 2.2. Setor histórico - Centro Histórico de Itu. Inclui 240 imóveis urbanos a partir séc. XVIII. Conjunto tombado pelo CONDEPHAAT (2004);

-2.3. Industrial - Fábrica de Tecidos São Luis. Edificada em 1869. Foi à primeira tecelagem a vapor do Estado de São Paulo. Procedimento singular em pleno regime escravocrata, ao adotar mão de obra livre (predominância de crianças e mulheres). Tombamento, CONDEPHAAT,1983.

- 2.4. arquitetura rural - Casas Bandeiristas (2a metade do século XVIII). Posteriormente foram sedes de fazendas de açúcar, de café e de algodão, Algumas ainda possuem os edifícios de engenho e senzala.

- 2.5. Construções para uso de colégio, hospital, mercado. (tombamento, CONDEEPHAT 2004)

--3 -- Conjunto arquitetônico abrigando Museus (além do Parque do Varvito), destacando-se:

-3.1. Museu Republicano Convenção de Itu – (edificação de 1867; Museu criado em 1923). A cidade é considerada o "Berço da República" <sup>105</sup> e no solar onde está instalado o Museu “foi realizada a primeira reunião do movimento republicano” -- Convenção Republicana e a fundação do Partido Republicano Paulista - PRP. As coleções representam a memória do movimento por meio “de fotos, documentos, objetos e obras de arte”. A instituição vinculada ao Museu Paulista é integrante da Universidade de São Paulo - USP. Tombamento, IPHAN, 1967, e CONDEPHAAT,1981.

---

<sup>105</sup> GUIA ITU. Museu Republicano. Projeto Municípios Digitais . Disponível em: <http://www.itu.com.br/hotsite/default.asp?id=47>. Acessado em: junho 2011.



-3.2. Museu da Música de Itu em arquitetura do séc. XIX. Tombamento pelo CONDEPHAAT, 2004.

-- 4. Patrimônio Imaterial ou Intangível no conjunto das manifestações enraizadas no dia a dia da comunidade local, devendo ser mencionados os saberes tradicionais, as celebrações que são comemoradas, os modos de expressão da arte e do mundo lúdico e os lugares que estão relacionados às práticas coletivas.

- 4.1. musica erudita - sacra – Matinas do Menino Deus. Uma das obras de autoria do Frei Jesuíno do Monte Carmelo, compositor, pintor, escultor e regente ativo entre o fim do século XVIII e início do XIX.

O Museu da Música de Itu desenvolve projeto sobre sua obra, e por iniciativa da instituição a obra musical do padre está em processo de Registro como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN, além de novas descobertas quanto a suas pinturas, realizadas durante decupagem para restauro, e agora em pesquisa junto ao CONDEPHAAT e ao IPHAN – São Paulo .

-4.2. musica popular regional - moda de viola, gênero Seresteiro –. Composições tradicionais da região do Vale do Médio Tietê, também conhecidas como música caipira ou sertaneja e tocadas com viola, instrumento específico para as modinhas e toadas. A exposição 'sons da gente' apresenta compositores, músicos e conjunto de seresteiros, e sua relação com Itu e Região.

- 4.3. festas tradicionais – comemorações tradicionais com participação popular, destacamos:



- Semana Santa – a Procissão dos Passos da Paixão de Cristo que se realiza no Centro Histórico da cidade. Inclui no percurso a passagem por determinadas igrejas e residências de tradicionais moradores locais, relacionando Estações da Paixão.

- Festa do Divino Espírito Santo – Procissão realizada também no Centro Histórico com as figuras dos Imperadores e cortejo. Carros de boi, banda e fanfarras, quermesse, comidas típicas e distribuição de pão abençoado integram a festa.

- Folia de Reis – apresentação de diversos grupos no centro da cidade além das caminhadas dos seresteiros durante todo o mês de janeiro, visitando as casas rurais e as fazendas, muitas transformadas em hotéis.

- Corpus Christi – Tapetes de serragem, areia e outros materiais cobrem o circuito da procissão. As casas são enfeitadas ao longo do trajeto.

- Festas Juninas – ocorrem em junho prolongando-se até meados de julho. Apresentações tradicionais de dança (quadrilhas) e também de músicos.

- 4. 4 gastronomia regional – presença de influência indígena, portuguesa e africana; feijão tropeiro, costelinha (porco), curau (de milho), camafeus e bem casados (doces), peixe moqueado, etc.

O território da cidade de Itu, como os demais espaços semelhantes, indica na vida humana, ao mesmo tempo, um meio e uma adaptação ao ambiente.

A trajetória do homem sobre a terra tem demonstrado que ele estabelece uma relação com o seu espaço que implica na utilização dos recursos para dominar o território e (re)territorializar. Isso se dá pela inventiva reconstrução de seu próprio mundo, o que gera o (seu) Patrimônio de saberes e de realizações e que, no ato de



lembrar, subsiste na memória, expressando-se material e imaterialmente, permanecendo como referência e ‘fala’ do seu pertencimento.

A cidade de Itu, conforme descrito, reúne um conjunto patrimonial diversificado e expressivo quanto ao elenco natural/cultural e material/imaterial de tipos móvel/imóvel relativo às expressões que, associadas às referências culturais, compõem o imaginário sócio-cultural ituano.

A cidade permanece com a arquitetura do seu núcleo inicial e dos tempos de expansão preservada, com edificações de função religiosa, civil, industrial, ilustrando diversos ‘momentos’ do lugar sob a forma de um extenso setor urbano: o Centro Histórico. O que não é comum, pois em geral permanecem apenas construções isoladas ou pequenos setores.

A cidade é ainda repositório de uma forma cultural que, segundo Bourdieu <sup>106</sup>, configura-se ao modo de uma “matriz de significações”, conceito que expressa o que se entende pela figura do caipira. Modo de vida de hábitos arcaicos e ligado ao espaço interiorano, que teria sido difundido pela Região do Vale do Médio Tietê, a partir da cidade de Itu.

Ao finalizarmos este capítulo, não podemos deixar de indicar o que interpretamos em Itu como o espírito do lugar: o fato de que a cidade paulista foi o local que deflagrou o apoio ao Movimento Republicano, Isso se traduz no fato de que o arquivo do primeiro presidente civil do Brasil --Prudente de Moraes, seguidor das idéias

---

<sup>106</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1986. 36 p. (Coleção Estudos). Introd. Org. Sel. de Sergio Miceli. Esta ref e lá do final, Aqui na pagina precisa colocar a página onde está a citação que vc menciona. E o tamanho aqui é fonte 10 todo rodapé = 10



do Partido Republicano Paulista, PRP -- está no Museu Republicano, local onde se preserva a memória do Movimento.

Estas coleções guardam, em razão de serem elementos constitutivos do denominado Patrimônio Cultural, os continentes da Memória Social, onde cada objeto se tornou 'vestígio' da Memória 'cultural' construída e disseminada pelo discurso do Museu <sup>107</sup>.

Está em processo de reativação o trecho ferroviário Estrada de Ferro Sorocabana-Ytuana entre Itu e Salto (inaugurada em 1873 e que interligava Jundiaí a Santos). O Projeto do Trem Republicano recupera a industrialização por meio deste exemplar. Ainda rememora o momento histórico da articulação e realização da Convenção Republicana que se utilizou dos pontos de ligação física proporcionados pela ferrovia.

Em síntese, Itu com suas múltiplas representações culturais locais e com a valorização de suas peculiaridades trazida pelo longo tratamento turístico, fortaleceu a noção de pertencimento. Portanto, percebemos que há campo favorável para merecer o aporte de tratamento para além do turismo, ou seja, um olhar de caráter cultural e social sobre a sua Musealização.

---

<sup>107</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. *Museologia e Patrimônio*, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. p. 33-43. Artigo baseado em original publicado em 1997, Simpósio ICOFOM – Museologia e Memória, organizado pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)/Conselho Internacional de Museus (ICOM), Rio de Janeiro. p.37. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>>



#### 4. Proposta de Musealização de Itu integrando o espaço rural.



Não há tempo que apague a memória da gente,  
nem espaço que dilua o que se viu.

A epopéia da Paixão ituana, eu vi  
e ouvi desde pequeno, na Igreja do Bom Jesus,  
reunido aos meus, cantando cada Palavra  
de um jeito bonito, inventado muito antes de nós.

Do coro participávamos de um espetáculo  
que falava direto ao coração, como um dardo de fogo,  
iluminando nossa alma.

O que aconteceu a tudo aquilo?

Luís Roberto de Francisco



#### 4. Proposta de Musealização de Itu integrando o espaço rural.

Itu, pela natureza do que apresenta em termos de Patrimônio, é um compêndio ilustrativo dos principais ciclos econômicos da história do país.

A cidade se formou a partir da posição como entreposto de diversas rotas dos bandeirantes e dos tropeiros no desbravamento do território brasileiro. O espaço onde a cidade surgiu e se desenvolveu está marcado pelas eras geológicas glaciais, pela ocupação de populações autóctones, indígenas e, subsequentemente, pelos ciclos econômicos do bandeirantismo (1610 -1750), do café (1850 -1935) e do algodão, pelo surto industrial nos séculos XIX e XX e, ainda, pelas novas interferências sociais, econômicas e culturais ocorridas no decorrer do século XX e neste início do século XXI.

Em todos esses ‘tempos’, sejam eras geológicas ou períodos da história brasileira, Itu acumulou múltiplos e numerosos bens culturais, dando origem a um conjunto que pode não só ser nomeado como Patrimônio, mas também associado à ideia de uma coleção museológica.

As experiências de musealização que se processaram nas últimas décadas do século XX, se deram primeiramente a partir do Museu de Rua de Itu (1980), o projeto e



implantação do Parque do Varvito (1995) e o projeto para o “Museu de Percurso de Itu: A ‘Musealização’ de referenciais urbanos significativos”<sup>108</sup> (1996 embora não implantado); além da Estrada Parque. Isso tudo apontou a Municipalidade na busca para encontrar um novo caminho, vinculado ao turismo. E foi enfatizada a promoção de eventos culturais e celebrativos que começaram a partir do ano 2000 (virada do milênio), faltando ainda uma década para se completar os 400 anos da cidade.

Neste mesmo período de tempo, cidadãos concretizaram iniciativas privadas e começaram a desenvolver o Turismo Rural. Deste modo a Fazenda Capoava (1754) se destacou como um hotel de luxo que procura apresentar a cultura e o modo de vida do caipira, além de abrigar um espaço cultural, sob a forma de uma exposição sobre a ocupação da região. Iniciativa semelhante foi a da Fazenda Santo Antônio da Bela Vista, onde se desenvolveu um circuito de visitação intitulado ‘Do Cafezal ao Cafezinho’, requalificando a fazenda e seus espaços e maquinários na forma de uma grande exposi o sobre o cotidiano do café. Ali também se comercializar o café como produto gastron mico, tanto na casa da fazenda como em um bistr  situado o centro da cidade.

A cidade, por deter um elenco significativo de representa es da liga o entre Patrimônio e Identidade ituanos teve, conforme já apresentamos, este perfil reconhecido e, no contexto da classifica o turística   uma Estância Turística do

---

<sup>108</sup> SOUZA, Jonas Soares de. Museu de Percurso de Itu: A ‘Musealiza o’ de referenciais urbanos significativos. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Itu.1996.p.8.



Estado de São Paulo. Portanto, pólo de atração da oferta do setor <sup>109</sup>. Esta condição, institucionalizada pelo Governo Estadual e praticada pela Municipalidade, estimulou um fluxo turístico considerável nos períodos de férias, feriados ou fins de semana, o que leva a considerar a pertinência em transformar a visita turística em visita museológica. Isso ocorreria através de uma exposição ao modo de um roteiro induzido por toda Itu, cujo início deve se dar a partir de um centro de interpretação da cidade, com vídeos explicativos – mapas eletrônicos – uma maquete que materializa visualmente o processo histórico, apresentando o movimento de ocupação da região e da expansão urbana e rural, dirigindo e orientando visitantes e cidadãos nos diversos espaços para visita, que estariam relacionados entre si por cores.

Como exemplo, oferecemos as legendas utilizadas no Parque do Varvito, que relacionam, através de cores, pontos de localização situados no centro histórico indicando que, o calçamento da cidade foi em determinada época, e que impressionou ‘os viajantes dos séculos XVIII e XIX’ conforme fica registrado nos relatos seculares. Informações museológicas seriam assim divulgadas no Centro de Interpretação, possibilitando oferecer aos leigos (turistas e excursionistas) e aos cidadãos a interpretação de seus espaços, sinalizando-os e contextualizando-os, sejam eles edificadas ou não. E continuando a propor associações do centro histórico com as muitas fazendas do perímetro rural da cidade.

Esse conjunto de Bens culturais, compreendido hoje pela perspectiva dos conceitos de Patrimônio e Museu, qualifica-se no contexto da Museologia, merecendo

---

<sup>109</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Metodologia do Inventário dos Recursos Culturais. In: EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO/EMBRATUR. Inventário da oferta turística. Rio de Janeiro: EMBRATUR-CEBITUR. 1980. p. 47-86.



um tratamento Museológico específico, que possibilite a Musealização da ‘totalidade’ que compreendemos como Cidade: integrando as áreas urbana e rural e, desse modo, transformando Itu em Cidade-Museu.

Esse processo poderia ser realizado trabalhando-se museograficamente (como uma exposição museológica) os múltiplos e diversos patrimônios in situ. Essa transformação de cidade em Cidade-Museu dar-se-ia a partir da criação de indicadores existentes em um mapa eletrônico, correspondendo a uma sinalização urbana a partir de um modelo cromático, no qual cada cor estaria relacionada a um determinado período histórico. As cores serviriam para, através da demarcação do tempo nos territórios da cidade e do campo, delinear uma função, ao modo de salas de exposição desmaterializadas que ‘transformassem’, por exemplo, uma igreja em um objeto em exposição na Cidade-Museu, para ser percebida como local de culto e espaço visitável, com informações disponíveis por folhetos, áudio-guias e áudio-descritores. Neste caso, em especial pensa-se no deficiente visual. Seriam também traçados percursos para os deficientes motores e visuais. E desta forma “textualizar o espaço, especializar o discurso”<sup>110</sup> para todos.

E também qualificar guias e monitores locais como educadores patrimoniais – ter nos Museus uma rede de pontos de conexão – entre o rural e o urbano – o natural e cultural – o material e imaterial, da forma como vem trabalhando o Museu da Música de Itu, apresentado concertos nas igrejas e requalificando o olhar sobre o espaço religioso, duplamente como salas de concerto e exposição.

---

<sup>110</sup> KWON, Miwon. One Place After Another. Site-specific art and locatinal identity. London/ England: The MIT Press,2002.



Assim, estar-se-ia aplicando os preceitos conforme a Carta de Atenas de 33, reunindo junto ao Patrimônio sua memória expressa na forma de texto e imagem, contextualizando-os e gerando as condições de ambiência que possibilitem tanto ao cidadão como ao turista ou excursionista deixar a memória ser tocada pela 'emoção'. A Museologia daria sua contribuição, sobretudo, estabelecendo um modelo temático, interpretativo e educador para os percursos históricos que partissem do Centro de Interpretação - inserindo o olhar museológico no contexto de vida da cidade de Itu, permitindo ainda ao cidadão exercer seu duplo papel como habitante e espectador.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Eu vejo o futuro repetir o passado.  
Eu vejo um Museu de  
grandes novidades.  
O tempo não para, não para,  
não, não para.  
(Cazuza)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Itu na proposta de Musealização que apresentamos na dissertação, unindo os espaços urbano ao rural nas suas formas culturais expressas sob as categorias Patrimônio Material e do Patrimônio Intangível, quer já protegidos por legislação ou não, nomeados de Museu ou potencialmente adequados a serem tratados pela Museologia, registrados ou ainda no domínio dos eventos dos festeiros, é um convite sedutor para ser trabalhado e nos motivou a tanto. O motivo é que Itu na esfera dos valores identitários é a cultura de um lugar que sustenta a vida dos grupos sociais nos Bens que a representa.

Pela própria dinâmica cultural a vida gira ao ser assimilada, apropriada, reelaborada e lembrada sob a forma de documentos, vestígios, registros e Bens de diferentes formas de apresentação. E o conjunto ituano assentado nesses elementos é o espaço adequado para o trabalho do museólogo se debruçar para pesquisar, interpretar, informar e comunicar a perspectiva da Cidade Museu.

O trabalho envolve as múltiplas possibilidades de leitura desses objetos já musealizados ou muzealizável, estejam isolados ou em coleções, sob um teto ou a céu aberto, elaborados pelo homem ou não, espécimes de natureza viva ou de 'natureza morta', como os animais fossilizados no Parque do Varvito.

São pequenos recortes do mundo como: um determinado sítio, uma fazenda, uma fábrica, um cemitério -- fragmentos de totalidades maiores como os ecossistemas.

E nesse conjunto que Itu apresenta materializamos simbolicamente por atribuição a lembrança da necessidade humana de buscar valores culturais identitários



na construção e no exercício do nosso conhecimento em ligação ao conhecimento que nos envolve, lançando um olhar museológico que trata as coisas do mundo com a sensibilidade do poeta.

O Patrimônio compreendido amplamente em suas várias formas de expressão permite-nos trabalhar os alicerces do passado através das ações de Musealização e Patrimonialização como um espaço para elaborarmos o nosso presente.

Tudo isto com o intuito de sempre melhorar a qualidade de vida humana através do pertencimento expresso ora como Patrimônio, ora como Museu, ora como ambos, pois sempre no que tange ao domínio da Memória, seja ela bergsoniana ou Social, os Museus e o Patrimônio estarão em movimento progressivo.

Ao terem como missão representar o(s) tempo(s) -- Museus e Patrimônio refletem e simulam a dinâmica da trajetória de vida da humanidade, afinal ambas as formas nos ajudam a compreender que também envelhecemos: como planeta (como nos comprova o Parque do Varvito, de acordo com a Geologia e a Paleontologia), como mundo (como testemunham as geleiras da Antártida, segundo a Climatologia), como sociedade (conforme a Sociologia). E que nascemos simbolicamente como cidades (como nos ensina Brasília – Patrimônio da Humanidade) e crescemos como civilização e cultura, religião e, finalmente, morremos também como culturas a exemplo da Ilha de Páscoa; e os Impérios que já existiram; dos prédios arrebatados pelo terrorismo como o World Trade Center em Nova Iorque; das fogueiras da Inquisição e da crueldade dos regimes totalitários; nos rios que poluímos e a lista de animais e línguas extintas.

Museu e Patrimônio nos tornam cognoscíveis e simulam nossa trajetória de vida



pela forma pela qual nos relacionamos essencialmente com o tempo.

Percebemos que somos sublimes como na ópera ‘Noite de São João’ composta por Elias Alvarez Lobo e cruéis como a demolição perpetrada pelo Município de Itu do bem tombado a revelia IPHAN – Capela Mortuária de Miguelzinho Dutra.

E como vamos perecer, cabe-nos manter e zelar pelo legado que recebemos como herança e somar às nossas memórias, contribuindo e também preservando e salvaguardando nossos Bens, Monumentos e Museus e ainda criando-os (momento em que nos percebemos contribuintes e participantes deste processo) para as futuras gerações.

E como já apontado, a sucessão de geração para geração fundamenta todo o conceito de Patrimônio e chancela esse processo da Herança Cultural, pois sem a transmissão geracional seria interrompido esse fluxo que concentra na figura de *Tânatos* um meio para a passagem permanente.

E é *Tânatos* que permite pela sua interferência que haja um legado na forma de Memória, como a nostalgia, a saudade ou o esquecimento; nos atos de destombamento, nos desastres naturais, na política de descarte de objetos museológicos, no fechamento de museus, na demolição de áreas históricas, ilustrado na retórica da(s) perda(s). E a Musealização de Itu é o contrário do esquecimento.

Patrimônio e Museu significam no cenário de Itu o domínio dos conhecimentos, os objetos de estudo e tratamento técnico e teórico da Museologia, isto é, a Musealização, que tem refletido e atuado na salvaguarda dos testemunhos, da história e das ‘estórias’, dos vestígios, das inscrições, dos testamentos e das heranças --



garantindo as lembranças e maneiras de viver e ver o mundo, seja para nós ou para aqueles que viverão.

É pela proposta de Musealização que se intenta manter a condição de possibilidade de Itu recriar-se nos caminhos que o novo século XXI está trazendo, contudo sem esquecer seu passado que é a sua História, sua Memória, enfim seu Patrimônio fincado no presente, e que merece permanecer ativo no coração e mente dos que ali vivem (que conjuntamente existem e permitem ao local também existir) ou venham a visitar para conhecer e compreender e testemunhar seu Espírito Local.



## REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. Arte de Grammatica da Lingva Mais Visada na Costa do Brasil. Companhia de Jesus.Coimbra: Antonio Mariz, 1595.
- ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo.São Paulo.1963.
- AMARAL, Aracy. Museu de Rua: O homem observando seu espaço. Imprensa Oficial do Município de Itu. 1980.
- AUSTIN, Michel; NAQUET, Pierre Vidal - Economia e Sociedade na Grécia Antiga. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BARDI, Pietro Maria. Miguelzinho Dutra. MASP. São Paulo.1972.
- BENÉVOLO, Leonardo; A história da cidade. São Paulo. 1999.
- BENNETT, Tony. The birth of the museum. London: Routledge. 1995.
- BERGSON, Henri. Matière et memorie: essais sur la relation de corps à lésprit. Paris: Quadige. Press Universitaires de France, 1990.
- BLOCH, Marc. Antropologia da história ou ofício do historiador. Rio de Janeiro, 2001.
- BREASTED; James Henry. A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest. New York: Charles Scribner's Sons. NY:1905. Disponível em: [http://www.lib.uchicago.edu/e/spcl/centcat/fac/facch10\\_01.html](http://www.lib.uchicago.edu/e/spcl/centcat/fac/facch10_01.html).
- Carta de Atenas. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna Moderna - CIAM. Atenas:1933. In:[http://www.icomos.org.br/cartas/Cartade\\_de\\_Atenas\\_1933.pdf](http://www.icomos.org.br/cartas/Cartade_de_Atenas_1933.pdf).
- CÂNDIDO; Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. 8ªed.São Paulo.1998.p.82.apud. FRANCISCO; Luís Roberto da Rocha de. A gente paulista e a vida caipira. In:Terra paulista:história, arte e costumes.VI.2 Modos de vida dos paulistas: identidades famílias e espaços domésticos. Org. Maria Alice Setubal. CENPEC.São Paulo.2007
- CAZUZA. O tempo não para. Rio de Janeiro.1988. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/cazuza/45005/>
- CHOAY,Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001
- CLAIR, Jean. Les origines de la notion d'ecomusée. Cracap Informations, n.2-3, p.2-4, 1976.
- CORALINA, CORA. Quem é você?.1988. p.73 -76. In: O que é museu? IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em: <http://www.ibram.gov.br>
- CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In:SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILISOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. Coro/ Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ ICOFOM LAM, p.50-55, 1999.



DEVALLÈES, André. Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. Tacnet Cultural. 2000.1.CD.

DESVALLÈES, André. MAIRESSE, François. Conceptos claves de museología. ICOM - Consejo Internacional de Museo. ICOFOM - Comité internacional del ICOM para la Museología. Paris, 2010.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: 2010.

FERRAZ, Maria Vera Barros. História e Energia. In: História, Energia e Cotidiano. Museu da Energia – Núcleo Itu. FPHEESP. São Paulo. 1999.

FERNANDES, Domingos, Inventário e Testamento. Vol 27, fls 69 a 120. Data: 24-1-1653. Juiz: Antonio Bicudo de Brito. Avaliadores: Francisco de Fontes e Manoel Pereira Farinha. Local: Vila de Santa Ana de Parnaíba, paragem de Utuguassu. Declarante: Manoel da Costa do Pino e Lourença, crioula da casa <http://www.projetocompartilhar.org/SAESPp/domingosfernandes1650.htm>

FLOWER; Derek Adie. A biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.

FRANCISCO; Luís Roberto da Rocha de. A gente paulista e a vida caipira. In: Terra paulista: história, arte e costumes. VI.2 Modos de vida dos paulistas: identidades famílias e espaços domésticos. Org. Maria Alice Setubal. CENPEC. São Paulo. 2007. p. 21-49. p.30.

Grandes Impérios e Civilizações: Roma - Legado de um império. Madri: Ediciones del Prado, 1996. vol.1.

GUIA ITU. Museu Republicano. Projeto Municípios Digitais . Disponível em: <http://www.itu.com.br/hotsite/default.asp?id=47>.

GYRAUDY, Daniele; e BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

HESÍODO. Teogonia, a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. Bibl. Pólen SP: Iluminuras, 1991.

Holanda; Sergio Buarque de. Expansão Paulista em Fins do Século XVI e Princípio do Século XVII. São Paulo. 1948.

Holanda; Sergio Buarque de. Caminhos e Fronteiras. São Paulo. 1957.

Holanda; Sergio Buarque de. Monções. São Paulo. 1998.

IANNI. OCTAVIO. Uma Cidade Antiga. UNICAMP. Campinas. 1988.

ICOMOS, International Council on Monuments and Sites - International Cultural Tourism Charter Managing Tourism at Places of Heritage Significance. 1999. Disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/tourism\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/tourism_e.pdf). Acesso em: junho de 2011.



ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. International Cultural Tourism Charter Managing Tourism at Places of Heritage Significance , 1999. Disponível em: [http://www.international.icomos.org/charters/tourism\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/tourism_e.pdf) . Acesso em: junho de 2011.

ICOM, International Council of Museums. Estatutos. XXII Assembléia Geral de Museus. Viena, 2007. Disponível em: [www.icom.org](http://www.icom.org). Acesso em: junho 2011.

JEUDY, Henri Pierre (dir). Patrien folie. Paris: Éd. De la Maison des Sciences de l'Homme, 1990.

JEUDY, Henri Pierre. Espelho das cidades. Casa da Palavra. Rio de Janeiro. 2005.

KWON, Miwon. One Place After Another. Site-specific art and locational identity. London/ England: The MIT Press, 2002

LEMOS, Carlos. São Paulo, Sua Arquitetura: colônia e império. São Paulo. 1974.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Metodologia do Inventário dos Recursos Culturais. In: EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO/EMBRATUR. Inventário da oferta turística. Rio de Janeiro: EMBRATUR-CEBITUR. 1980. p. 47-86.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. Museologia e Patrimônio, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. p.38 Artigo baseado em original publicado em 1997, Simpósio ICOFOM – Museologia e Memória, organizado pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)/Conselho Internacional de Museus (ICOM), Rio de Janeiro. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2> Acesso em: junho de 2011.

LIMA, Diana, RODRÍGUEZ, Igor. Patrimônio herança, bem e monumento: termos, usos e significados no campo museológico. In: ICOFON/ICOFOM LAM - INTERNACIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND HISTORY: a field of Knowledge. 2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Ata Gracia y Casa del Virrey Liniers. Córdoba. ISS 35 - ICOFON/ ICOFON LAM. 2006. p.243-250.

LIMA, Diana Farjalla Correia. MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTERDISCIPLINAR DO CAMPO: História de um Desenho (Inter)Ativo. In: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em. Ciência da Informação. GT: Debates em Museologia e Patrimônio. Salvador: 2007.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, Informação, Comunicação e Terminologia: Pesquisa termos e conceitos da Museologia. In: GRANATO, M., SANTOS, C. P. dos LOUREIRO, M. L. (org.). MAST COLLOQUIA - Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST. 2008. p. 181-200. v. 1.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos simbólicos do Patrimônio: Museologia “Patrimoniologia” e Informação em Contexto de Especialidade. GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB XI. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/view/273/311>. Acessado em: junho 2011.

MALACO, Jonas Tadeu Silva . Da Forma Urbana: o Casário de Atenas. São Paulo: Alice Foz, 2002

MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro. 1944.



- MENSCH, P. van. O Objeto de Estudo da Museologia. In: Pretextos Museológicos. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994.
- MORAES, Rubens Borba de. Os Viajantes; In: Brasiliana Coleção da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.2007. Disponível em:<http://bndigital.bn.br/200anos/brasiliana.html>
- NAMER, Gérard. Memoire et société. Paris: Méridiens Kincksieck, 1987. (Collection Société).
- NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard. 1984. v. 1.
- QUICOLI, Fabiano. Parque do Varvito: uma viagem a história da terra in:Roteiros Históricos a pé próximos a São Paulo.2008.
- RIBEIRO; Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo. 1998.
- RYKWERT, Joseph. The Seduction of Place: The City in the Twenty-First Century. New York: Pantheon Books. 2004.
- SÁ, Ivan Coelho de. História e Memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO.ANAIS MHN, Rio de Janeiro. N.39;2007, p.10 – 42.
- SAINT-HILARIE; Auguste de. Viagem à província de São Paulo.1822. Tradução de TAUNAY; Afonso d'Escagnolle. 2ª Ed. São Paulo.1938.
- SILVA; Francisco Carlos Teixeira da. História Geral do Brasil. Maria Yeda Linhares org. – 9ªed.Rio de Janeiro: 1990.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. Vocabulário Tupi-Guarani Português. São Paulo 1982.
- SOUZA, Jonas Soares de. Acidade da República. FPHEESP. SP.2000.
- TOSCANO, João Walter. ITU/Centro Histórico. FAU/ USP. São Paulo.1981.
- TRINDADE, Jaelson Bitran. Breve Histórico de Itu. imprensa municipal de Itu. São Paulo. 1980.
- UNESCO. Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Paris(França).17 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>>.
- UNESCO. Cultural Heritage. Disponível em: [http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL\\_ID=2185&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=2185&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html).
- ULDALL, Kai. Open Air Museums. Museum. Japanese museums, Paris, UNESCO, v.10, n.1, p.68-102. 1957, passim.
- WAKAHARA,Julio Abe. Museu de Rua: Objetivos da exposição. Imprensa Oficial do Município de Itu. 1980



## Lista de Imagens

- 1 - <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>
- 2 – <http://actividadeslectivas.blogspot.com/>
- 3 – <http://tipografos.net/tipos/letra-dos-gregos-2.html>
- 4 – <http://genealogiadoalgarve.blogspot.com/2009/01/moeda-ao-longo-da-histria.html>
- 5 - [azultur.blogspot.com](http://azultur.blogspot.com)
- 6 - <http://professormarcelocamargo.blogspot.com/2008/10/>
- 8 - [mlahanas.com](http://mlahanas.com)
- 9 - [traje-de-epoca.blogspot.com](http://traje-de-epoca.blogspot.com)
- 10 - [vcarnegie.org](http://vcarnegie.org)
- 11 - [sacred-destinations.com](http://sacred-destinations.com)
- 12- [ogatoquecomeorato.blogspot.com](http://ogatoquecomeorato.blogspot.com)
- 13 - [peace\\_terrorists.blogs.sapo.pt](http://peace_terrorists.blogs.sapo.pt)
- 14 - [panoramio.com](http://panoramio.com)
- 15/16 - <http://bandeirantes-sp.com.br/>
- 17 – [itu.com.br](http://itu.com.br)
- 18 – [itu.com.br](http://itu.com.br)
- 19 [itu.com.br](http://itu.com.br)
- 20 – [itu.com.br](http://itu.com.br)
- 21 - [clubeinteligente.com.br](http://clubeinteligente.com.br)
- 22 - [ramonbarbosafranco.blogspot.com](http://ramonbarbosafranco.blogspot.com)
- 23 - [leiovejoeescuto.blogspot.com](http://leiovejoeescuto.blogspot.com)
- 24 - [istoe.com.br](http://istoe.com.br)



- 25 - [brasiladentro.com.br](http://brasiladentro.com.br)
- 26 - [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)
- 27- [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)
- 28 - [osertanejo.xpg.com.br](http://osertanejo.xpg.com.br)
- 29 - <http://www.flickr.com>
- 30 - [linguagemgrafica-ufes.blogspot.com](http://linguagemgrafica-ufes.blogspot.com)
- 31- [commons.wikimedia.org](http://commons.wikimedia.org)
- 32 - [theednpoetopias.blogspot.com](http://theednpoetopias.blogspot.com)
- 32- <http://www.aprovincia.com>
- 33- <http://www.aprovincia.com>
- 34- [cecac.org.br](http://cecac.org.br)
- 35 - [desonsetempos.blogspot.com](http://desonsetempos.blogspot.com)
- 36 - [artefontedeconhecimento.blogspot.com](http://artefontedeconhecimento.blogspot.com)
- 37- [joserosarioart.blogspot.com](http://joserosarioart.blogspot.com)
- 38 – <http://www.aprovincia.com>
- 39 - [passagembarata.com.br](http://passagembarata.com.br)
- 40 - [sorocababureau.com.br](http://sorocababureau.com.br)
- 41 - <http://www.aprovincia.com>
- 42 - <http://www.aprovincia.com>
- 43 - <http://www.aprovincia.com>
- 44 - <http://www.aprovincia.com>
- 45 - ] [commons.wikimedia.org](http://commons.wikimedia.org)
- 46- <http://www.aprovincia.com>
- 47 - <http://www.aprovincia.com>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

48 - <http://www.aprovincia.com>

49 - <http://www.aprovincia.com>

50 - <http://www.aprovincia.com>

51 - <http://waatp.com/people/antonio-a-dutra/5030271/>

52 - [skyscrapercity.com](http://skyscrapercity.com)

53 [itu.com.br](http://itu.com.br)

54 - [itu.com.br](http://itu.com.br)

55 - <http://www.aprovincia.com>

56 - Serviço Geológico do Brasil

57 - [itu.com.br](http://itu.com.br)

58 - [paulolara.com.br](http://paulolara.com.br)

59 - [boa-semana.blogspot.com](http://boa-semana.blogspot.com)